

LACRE

Literatura, arte, cultura & records

ANOVI-Ed.115 - 1ª quinzena de Outubro de 2023

NESTES CONCERTOS NA SALA SÃO PAULO DA “FILARMÔNICA DE BERLIM” TODO O FATURAMENTO VAI PARA O TRATAMENTO DO CÂNCER INFANTOJUVENIL

Página 21



JOSÉ MIGUEL WISNIK É O CONVIDADO DE OUTUBRO DO PROJETO DIVINAS CONVERSAS DA FUNDAÇÃO TORINO

Evento gratuito recebe um dos principais pensadores da música e da literatura brasileira para celebrar a vida e a obra de Carlos Drummond de Andrade

A música popular brasileira e a literatura sempre caminharam próximas, trocando forma, ritmo e sentido. Poucos artistas encarnam esse encontro com a mesma profundidade de José Miguel Wisnik @josemiguelwisnik, pianista, compositor, ensaísta e professor aposentado de literatura brasileira pela Universidade de São Paulo, que participa da próxima edição do Divinas Conversas. O encontro será uma das ações do “Dia D” na Fundação Torino, evento que celebra o nascimento de Carlos Drummond de Andrade. Wisnik dedicou anos de pesquisa ao poeta itabirano e é autor de Maquinação do mundo: Drummond e a mineração (2018), obra que se tornou referência ao revelar como a história da mineração em Itabira atravessa, de ponta a ponta, a poesia, as crônicas e a própria biografia de Drummond. É esse mesmo olhar, capaz de unir erudição e emoção, rigor e beleza, que o público de Belo Horizonte poderá acompanhar de perto no dia 29 de outubro, às 19h30, em um encontro gratuito e imperdível na sede da Fundação Torino.

Não é a primeira vez que Wisnik leva essa relação com Drummond para o grande público. Convidado frequente das principais feiras literárias do Brasil, ele já esteve à frente de debates sobre “o legado

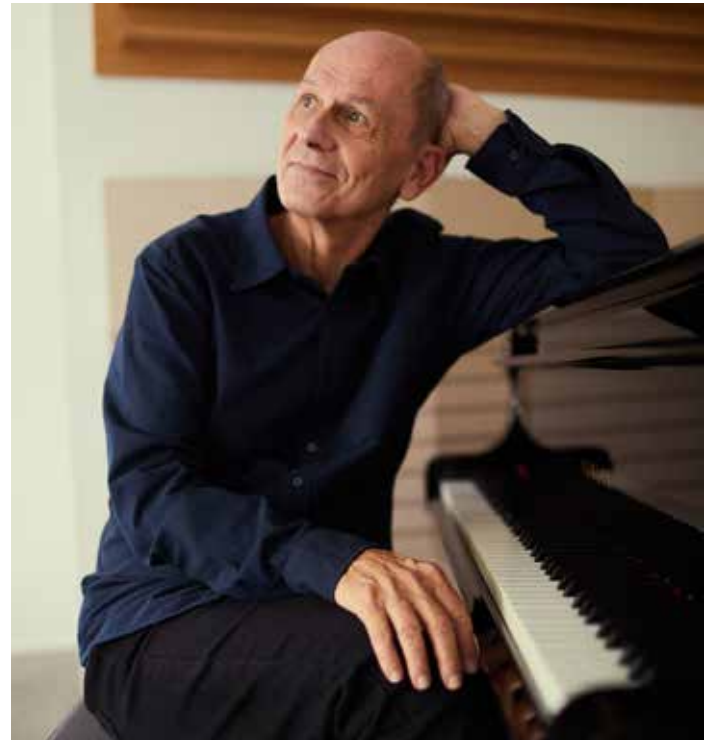
de Drummond” no Flitabira, Festival Literário Internacional de Itabira, e assinou o show de abertura da Flip, a Festa Literária Internacional de Paraty, a mais importante do país. Em 2024, foi um dos debatedores da Mostra Drummond e o Cinema, realizada em Belo Horizonte, na Sala Humberto Mauro.

Wisnik chega a Belo Horizonte em um momento especial de sua trajetória musical. Em abril, lançou o EP “Mais Simples”, que reúne cinco canções de seu repertório revisitadas por intérpretes de diferentes gerações, entre eles Caetano Veloso, Djavan, Arnaldo Antunes e Renato Braz. A faixa-título trouxe um desfecho para uma história de mais de trinta anos: Caetano, que já pensava em gravar “Mais Simples” ainda nos anos 1990, finalmente a registrou ao lado do filho, Tom Veloso, ao violão. Sobre o encontro, Wisnik comenta: “Quase aconteceu há muitos anos, mas a gravação veio afinal quando tinha que ser: Caetano cantando ‘Mais Simples’. Por uma conjunção, difícil de resumir, de desejos, de pessoas e dos astros. Fico sem palavras ao ouvir essa interpretação, mas confesso que não sinto necessidade delas, pois foi o próprio indizível que compareceu, e disse tudo”.

Autor de obras fundamentais para o pensamento sobre música e cultura no Brasil, Wisnik leva ao Divinas Conversas essa mesma capacidade de transitar entre linguagens, aproximando o universo da canção popular, da poesia, da crítica literária e da reflexão sobre a formação cultural brasileira. José Miguel Wisnik nasceu em 1948, em São Vicente (SP). Pianista e compositor, é professor aposentado de literatura brasileira pela Universidade de São Paulo. Publicou, entre outros livros, O coro dos contrários: A música em torno da Semana de 22 (1977), O som e o sentido: Uma outra história das músicas (1988, 2017), Sem receita: Ensaio e canções (2004), Maquinação do mundo: Drummond e a mineração (2018) e Viagem do recado: Música e literatura (2025).

10 anos de Divinas Conversas

O Divinas Conversas é um ciclo de conferências criado em 2016



pela Biblioteca Dante Alighieri da Fundação Torino, com o objetivo de fomentar o diálogo entre a literatura e outras áreas, integrando as culturas brasileira e italiana. Ao longo de uma década, o projeto se consolidou como um espaço de reflexão e encontro entre diferentes linguagens artísticas, reunindo importantes nomes da literatura, das artes e do pensamento contemporâneo. O projeto já trouxe ao público mineiro autores como Marina Colasanti, Mia Couto, Conceição Evaristo, Caetano Galindo, Humberto Werneck, Aline Bei, entre outros convidados que contribuíram para ampliar o debate sobre a literatura em suas múltiplas interfaces. Em 2026, ano em que celebra uma década de existência, o Divinas Conversas reafirma seu compromisso com a difusão cultural e com a formação de leitores, promovendo encontros que estimulam o pensamento crítico e o diálogo entre diferentes saberes.

Sobre a Fundação Torino

Há 50 anos reconhecida pela consolidada tradição científica e humanística, a Fundação Torino, regulamentada pelos governos brasileiro e italiano, atua como Escola Internacional, da Educação Infantil ao Ensino Médio, e oferece duplo diploma aos seus

alunos, que podem ingressar nas mais conceituadas universidades do Brasil, da União Europeia e da América. As ações educacionais da Fundação Torino ultrapassam seus muros, trazendo várias conexões entre temas como literatura, música, arte, esportes, tecnologia, entre outros. Atuando como Centro de Línguas, a Escola oferece cursos de idioma também na modalidade on-line, sendo referência no ensino de italiano, idioma do berço da cultura ocidental.

Em 2016, a Fundação Torino inaugurou seu Centro Cultural, que abriga a biblioteca Dante Alighieri, com títulos em vários idiomas; um auditório com programação variada de palestras e uma moderna galeria dedicada a exposições fotográficas. Toda a programação do Centro Cultural da Fundação Torino é gratuita.

Serviço: Divinas Conversas / Com José Miguel Wisnik e mediação de Rogério Faria Tavares (curador do Divinas Conversas) Data: 29 de outubro, quinta-feira, às 19h30 Local: **Fundação Torino** – Rua Jornalista Djalma Andrade, 1300, Belvedere – Belo Horizonte/MG Ingressos: <https://l1nk.dev/z0aqaw4>

A zine revista LacrE é uma publicação digital, quinzenal, com distribuição dirigida da Editora Página Leste -

CNPJ 42.935.406/0001-06

Editor: J. de Mendonça Neto - Mtb 32792 - ABJ. No 4287

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

paginaleste@hotmail.com

laczine@gmail.com

Whatsapp (11)99664-5072

<https://paginaleste.wordpress.com/>

[instagram.com/zinelacre](https://www.instagram.com/zinelacre)

ANTIGO LEPROSÁRIO NA AMAZÔNIA GANHA HISTÓRIA EM QUADRINHOS DE ROTEIRISTA DA TURMA DA MÔNICA

Localizada a 40 minutos de Manaus, no Amazonas, a Vila de Paricatuba abrigou um dos principais hospitais de isolamento para pessoas com hanseníase do Norte do país. Hoje, sua memória e suas ruínas tomadas pela selva ganham vida na nova obra de Romahs Mascarenhas.

Banhada pelo Rio Negro e localizada a menos de 40 minutos de Manaus, a Vila de Paricatuba guarda uma das memórias mais marcantes da Amazônia. No século XX, o local funcionou como um leprosário, que era uma colônia/hospital de isolamento compulsório para onde eram enviadas as pessoas diagnosticadas com hanseníase (antigamente chamada de lepra), separando-as da sociedade para evitar o contágio. Antes disso, o imponente casarão de Paricatuba também abrigou um Liceu de Artes no auge da Borracha e um presídio.

Hoje, com suas ruínas históricas abraçadas pela vegetação amazônica, a comunidade se reinventa por meio do Turismo de Base Comunitária (TBC) e tem sua trajetória resgatada nas páginas do gibi “Paricatuba, a Vila das Mil Histórias”. A publicação é assinada pelo cartunista, escritor e roteirista Romahs Mascarenhas, artista indicado aos prêmios Jabuti e HQMix que integra a equipe da Mauricio de Sousa Produções, onde escreve histórias para a Turma da Mônica.

Uma aventura sobre raízes, afeto e ancestralidade

Longe de ser apenas um registro documental, a publicação utiliza a linguagem dinâmica dos quadrinhos para conectar diferentes gerações ao patrimônio imaterial da vila. A trama acompanha um garoto de Manaus que, ao perceber a rotina corrida do pai na capital, decide viajar sozinho até Paricatuba para conhecer a avó que nunca viu.

Ao desembarcar na vila, o protagonista encontra familiares, novos amigos e moradores que o acompanham em uma

jornada de descobertas pela memória do território, revelando as camadas históricas do lugar e o cotidiano da comunidade atual.

“O gibi acaba sendo uma declaração de amor a Paricatuba, não apenas por contar a história do leprosário, mas por mostrar a cidade de hoje, sua gente e seu modo de vida. A mensagem é também sobre esse amor pelo lugar de onde você veio e a importância de se reconectar com as próprias raízes e com a sua história. Isso aparece na trajetória da família, em que o pai sai da cidade e nunca mais volta, mas o filho faz o caminho de volta para conhecer a avó e reencontrar esse lugar”, destaca o autor Romahs Mascarenhas.

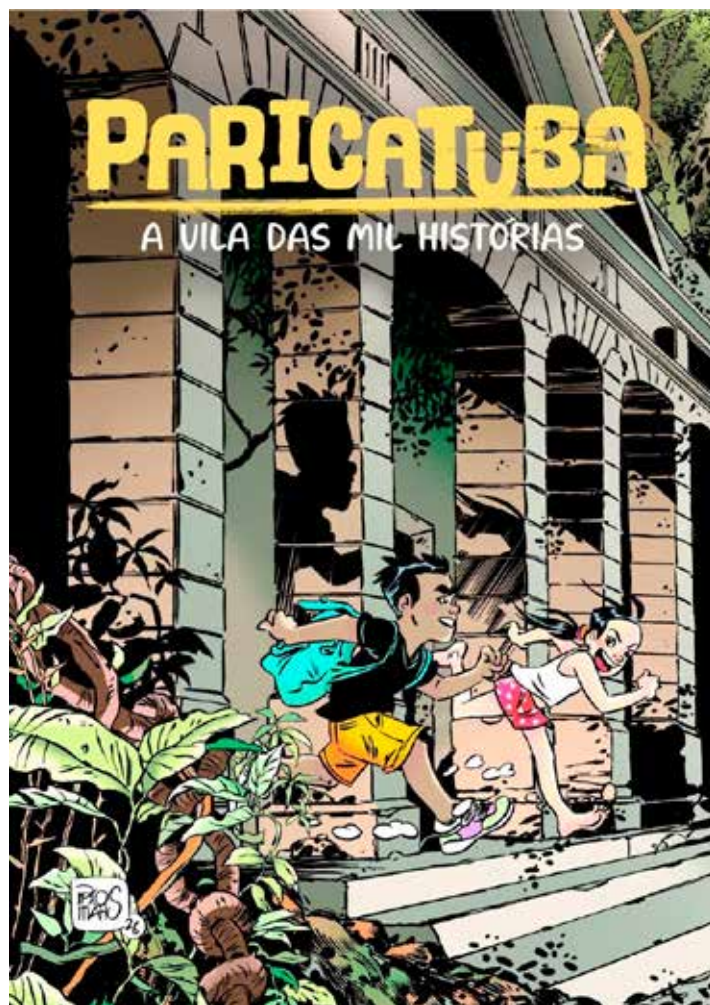
Pesquisa documental e valorização comunitária

Para construir a narrativa e os personagens, Romahs combinou levantamento histórico, registros fotográficos e imersão no território. A obra reúne figuras históricas do final do século XIX e início do século XX a personagens ficcionais e moradores reais da vila, como a professora Vera, moradora que auxiliou o artista na pesquisa e foi retratada na história.

A publicação foi lançada oficialmente durante a apresentação da Rota Turística Paricatuba, como parte do projeto Viva Paricatuba (ou Paricatuba Lab), desenvolvido pelo Impact Hub Manaus nas áreas de turismo, capacitação, infraestrutura, comunicação e fortalecimento comunitário.

Para Marcus Bessa, um dos coordenadores da iniciativa, a escolha da arte sequencial é fundamental para democratizar o acesso à história:

“A publicação estabelece uma relação entre patrimônio, natureza, cultura e memória, mostrando como esses elementos fazem parte da identidade do território. A escolha dos quadrinhos permite apresentar informações históricas e culturais de forma acessível,



duções desde 2011, participou do projeto MSP 50. É autor da graphic novel A Última Flecha (indicada aos prêmios HQMix e ABERST) e do livro infantojuvenil Todos os Meus Gatos de Volta (indicado ao Prêmio Jabuti).

Sobre o Norte em Quadrinhos:

O Norte em Quadrinhos é uma iniciativa que busca valorizar, profissionalizar, divulgar e fortalecer a produção de quadrinhos da região Norte do Brasil. Atuando como vitrine para artistas e coletivos, o projeto promove as obras e o reconhecimento da diversidade de narrativas e estilos que vem da Amazônia, conectando criadores locais a leitores em todo o país através de eventos, premiações, profissionalização e muito mais.

Contatos: contato@norteemquadrinhos.com.br 11 94857 6306 (Sâmela Hidalgo) / [@norteemquadrinhos](https://www.instagram.com/norteemquadrinhos)

incorporadas à trajetória dos personagens e à própria aventura, aproximando passado e presente”, afirma Bessa.

SOBRE O AUTOR Nascido em Parintins (AM), Romahs Mascarenhas romahs_mascarenhas@romahs_mascarenhas iniciou sua carreira em 1996 criando charges e ilustrações para jornais de Manaus. Roteirista da Mauricio de Sousa Pro-

PERSONAGENS CONTRADITÓRIOS E VIOLÊNCIAS ATRAVESSAM 33 CONTOS EM “OS ANIMAIS DANÇAM QUANDO NINGUÉM VÊ”

Publicado pela Patuá @editora-patua, o primeiro livro de contos do autor campineiro reúne 33 histórias em que a ironia e o humor contrastam com situações trágicas, em uma escrita que reserva ao leitor um papel ativo na construção das narrativas

Em “Os animais dançam quando ninguém vê” (Patuá, 200 págs.), Rafael Martins @rafaelmartins.esc reúne 33 contos em que situações aparentemente banais podem revelar conflitos, preconceitos, violências e contradições. Aos 43 anos, o escritor de Campinas (SP) publica seu primeiro livro de contos, com histórias marcadas pela ironia e por uma linguagem fluida, por vezes bem-humorada, que contrasta com acontecimentos trágicos e desconfortáveis.

O livro é o segundo trabalho de ficção do autor, que publicou pela mesma editora o romance “O Segredo das Lantanas”, em 2022. Nos novos contos, ganham espaço personagens que escapam de classificações simples e transitam entre comportamentos e sentimentos contraditórios.

“A contradição humana me fascina, é algo que gosto de observar, até porque também me reconheço nela. Aprecio personagens complexos, que podem ser bons e maus ao mesmo tempo, que podem fazer coisas absurdas embora tenham uma vida banal”, afirma.

As histórias são atravessadas por situações de violência, tensões sociais e preconceitos, mas o autor evita oferecer explicações excessivas ou conduzir a interpretação do leitor. A escrita é mais seca e crua, com poucas descrições, deixando espaços para que cada pessoa complete os sentidos a partir da própria leitura.

“Seria um misto de ‘escrito’ e ‘não escrito’, que se complementam e fazem com que o leitor participe da construção de algum sentido”, explica.

Da experiência com o romance aos contos

“Os animais dançam quando ninguém vê” começou a tomar forma enquanto Rafael trabalhava em outro romance. Em determinado momento, o escritor



decidiu interromper temporariamente o projeto e passou a experimentar narrativas mais curtas.

“Eu senti a necessidade de deixar o texto descansar por um tempo e, nesse intervalo, comecei a escrever histórias curtas, a partir de situações e personagens que, para mim, não demandavam uma narrativa mais extensa. Aos poucos, esses textos foram ganhando corpo e percebi que as histórias dialogavam entre si”, conta.

Os 33 contos foram escritos ao longo de três anos. O processo, segundo o autor, começa antes mesmo de ele se sentar diante do computador. “Em geral, escrevo pela manhã, logo que chego da academia. Porém, antes de iniciar a escrita, eu elaboro muito bem a ideia, fico ruminando o assunto e só quando tenho bem definido o que quero escrever é que sento em frente ao computador para transformar toda aquela abstração em texto.”

A experiência de escrever e publicar “O Segredo das Lantanas” também contribuiu para a construção do novo livro. Para Rafael, o primeiro romance trouxe maior segurança e consciência sobre o processo de criação.

“Aprendi a ter menos apego ao texto, a aceitar melhor os cortes e a entender a reescrita como parte fundamental do trabalho. Essa bagagem certamente me acompanhou nos contos, embora o gênero tenha me colocado diante de novos desafios”, afirma.

Do primeiro romance à escrita criativa

Rafael Martins escreve desde a adolescência, mas foi a partir de



experiências de escrita e estudo que passou a se dedicar de forma mais consistente à literatura. Entre suas principais referências estão Machado de Assis, Gabriel García Márquez, Nelson Rodrigues e Milton Hatoum.

Entre 2020 e 2021, escreveu o romance “Água Turva”, sua primeira tentativa de construir uma obra longa. Depois de receber uma leitura crítica com diversos apontamentos, decidiu abandonar o projeto e aprofundar seus estudos antes de voltar à ficção.

“Resolvi, então, estudar escrita criativa. Li Assis Brasil, Prose, James Wood, Stephen King, Stephen Koch, Antonio Fernando Borges e mais uma série de manuais de escrita. E só então passei a me sentir apto a escrever novamente.”

Foi nesse processo que surgiu “O Segredo das Lantanas”, publicado pela Patuá em 2022 e responsável por sua estreia editorial.

O autor

Rafael Martins nasceu e vive

em Campinas (SP). É formado em Direito pela PUC-Campinas, atuou como advogado e atualmente trabalha na Procuradoria Geral da Unicamp, onde exerce o cargo de procurador. É autor do romance “O Segredo das Lantanas”, publicado pela Editora Patuá em 2022.

Atualmente, o escritor retomou o romance que havia deixado descansar. A história acompanha um pai solo e tem a paternidade como tema central, explorando vínculos afetivos intensos e a coexistência de sentimentos contraditórios, como amor e ódio, afeto e ressentimento.

FICHA TÉCNICA: Os animais dançam quando ninguém vê, Rafael Martins / Gênero: Contos / Editora: Patuá / 200 págs / Adquirir “Os animais dançam quando ninguém vê” pelo site da Editora Patuá: <https://www.editorapatua.com.br/os-animais-dancam-quando-ninguem-ve-contos-de-rafael-martins/p>

Karoline Lopes e Marcela Güther

EM “FURACÃO TORNADO”, LETÍCIA MIRANDA MESCLA POESIA E IMAGEM PARA CONSTRUIR ARQUIVO A PARTIR DE LACUNAS DA MEMÓRIA



O livro apresenta intervenções fotográficas e procedimentos de escavação estética para dar materialidade para a ausência das avós nunca conhecidas pela autora

O livro “Furacão Tornado” (orlando, 2026), criado pela pesquisadora, poeta e artista visual Letícia Miranda [@leticiadsmiranda](#), faz da ausência e das lacunas biográficas a sua principal matéria-prima de criação. Fruto de sua pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB), desenvolvida na linha de pesquisa Deslocamentos e Espacialidades sob orientação do artista e professor Geraldo Orthof e financiada pela CAPES, a obra investiga as linhas de acesso ao passado a partir do gesto de escavar, colar e remontar o tempo. A obra conta com a orelha assinada por Thainá Carvalho, poeta, colagista e editora da Revista Desvario, e quarta capa da pesquisadora e também poeta Erica Martinelli.

A obra disponível no site da editora orlando. O evento de lançamento está marcado para acontecer dia 22 de outubro, às 19h, no Glória Cafés Especiais e Livros, em Brasília (DF).

Dedicado a Maria e a Rosalina — avós paterna e materna da autora, falecidas antes que ela pudesse conviver com elas —, o livro se constrói como uma busca sensível por essa história incompleta. Em um país onde a preservação de memórias de famílias negras e racializadas é historicamente vulnerabilizada pelo apagamento e o silêncio, a imaginação surge não

como fuga, mas como um compromisso ético e poético de sobrevivência.

Letícia sempre buscou saber como eram suas avós, do que gostavam e como agiam. Por causa dessa curiosidade afetuosa, coletou tudo que ouviu sendo dito sobre elas. “Desde a infância tento me aproximar de quem elas foram, uma vez que não tive a chance de conviver com nenhuma das duas. Dessa forma, a invenção é uma forma de inscrever nossa história no mundo. Minhas avós são minha alegria mais difícil. É a partir dessa lacuna que construo quem sou e quem desejo ser, tentando fazer reverberar as vozes já caladas de duas mulheres negras que fundaram o meu mundo”.

Diante disso, Erica Martinelli ressalta a complexidade desse confronto com o passado ao dizer que o desafio é justamente o de não congelar, como a mulher de Ló, na difícil tarefa de dar vida ao passado. “A saída está na força motriz das palavras e das imagens. Diante do tempo da catástrofe e da força criadora, o leitor presencia a construção delicada e sutil de um sujeito que se forja no olho do Furacão Tornado, de onde jorram os fragmentos de uma história inventada, sonhada e vivida.”

A escrita operou como uma coleta arqueológica e afetiva, guiada pela insistência em enxergar por frestas, na feitura do livro. Segundo ela, enquanto artista pode perceber a insistência em ver pela fresta, em tentar avistar o que não está dado, o que precisa ser escavado. Assim, passou a compreender a coleta (de imagens e de palavras) como um procedimento dentro do seu trabalho.

A atmosfera do projeto ganhou contornos definitivos quando a autora adquiriu, em compras pela internet em meio à pandemia, uma série anônima de fotografias em papel fotográfico (Agfa-Broviara) que retratavam um fenômeno meteorológico sobre o mar — uma tromba d’água/tornado aquático entre ilhas e praias. A partir dessas imagens apropriadas, somadas a intervenções sobre negativos, colagens analógicas e relatos fragmentados recolhidos de seus pais, a artista elaborou um livro em que



a imagem e a palavra se articulam em montagem.

Na orelha da publicação, Thainá Carvalho sintetiza a dimensão visual dessa experiência ao dizer que a poeta invoca um tempo não-linear e tátil para costurar a trama de poemas que compõem as páginas do livro com essas avós e essas moradas. “Este livro é uma investigação da imagem, é olhar para trás buscando o som que se avizinha amanhã.”

Cada palavra, cada imagem registrada e a forma como ambas se apresentam na página foram pensadas em um processo de busca, pesquisa, indagação, coleta e, depois, montagem. “Seja como for, o livro passou a ser um lugar inaugural, ali, em meio às páginas, uma história se abre. O livro é parte da contação dessa história, portanto, montagem. O livro também é um modo de ver”, conclui.

Palavra, imagem e arquivo: a trajetória de Letícia Miranda

Nascida no Distrito Federal em 1996 e moradora do Itapoã (DF), Letícia Miranda transita continuamente entre a literatura, as artes visuais e a docência. Graduada em Letras Português pela UnB com especialização em Fotografia, é mestra e atualmente doutoranda em Artes Visuais pela UnB, onde continua a desdobrar em sua tese a experimentação da prosa e a pesquisa em torno das figuras ancestrais.

Sua estreia literária ocorreu com “A suspensão de Tomie Ohtake” (Litteralux, 2022), obra concebida a partir de estudos sobre a artista plástica nipo-brasileira iniciados em oficina com o poeta Carlito

Azevedo. Em “Furacão Tornado”, a autora aprofunda o diálogo intertextual da música com pensadores e criadores fundamentais de sua formação. Nomes como Walter Benjamin e seu conceito de escavação da memória, Georges Didi-Huberman, Noemi Jaffe, Audre Lorde, James Baldwin, Francis Alÿs, Ana Martins Marques, Adélia Prado, Danielle Magalhães, Simone Homem de Mello, Jards Macalé, Cícero e Milton Nascimento são destacados pela autora.

Letícia conta que “A suspensão de Tomie Ohtake” nasceu quase ao mesmo tempo que “Furacão Tornado” (2026). “Ambos os livros perseguem a morte. De um lado, o fascínio por uma artista centenária, do outro, o desejo de ver além do que foi abandonado. Porém, o primeiro livro carrega a ingenuidade de uma estreia. O segundo, está fincado no desejo”.

No circuito das artes visuais, Letícia desenvolve consistente trajetória com obras presentes no acervo do Palácio do Planalto e participação em mostras coletivas e individuais em espaços de relevância institucional, a exemplo do Centro Cultural São Paulo (CCSP), Museu Nacional da República e Casa Niemeyer. É ainda co-fundadora do Clube de Colagem de Brasília e integrante do Coletivo Zarafas e do Grupo Antiquário.

Com trajetória pedagógica que inclui atuações na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), no Cebbraspe e atualmente como professora de Língua Portuguesa na Canadian Global School, Letícia Miranda concebe o livro como um espaço de montagem e partilha coletiva: “Escrevo para guardar o que foi ignorado, o que tentaram apagar. Os itens descartados se apresentam como janelas, são pequenos espaços por onde se pode ver, mesmo que de forma embaçada. O livro é um lugar inaugural, onde uma história se abre”, conclui.

SERVIÇO: **Furacão Tornado**, Letícia Miranda / Editora: [@editora orlando](#), 2026 / Páginas: 142 / Gênero: Poesia brasileira / Artes visuais / Ensaio visual Adquirir “Furacão tornado”: <https://editoraorlando.com.br/produto/furacao-tornado/>

A FORÇA DAS MULHERES EM “MULHER DE PRAZER”, ROMANCE VENCEDOR DO PRÊMIO YOMIURI

Por meio de uma escrita sensível e tocante, Murata desfia as múltiplas camadas da condição feminina em uma sociedade que naturalizava a exploração sexual de meninas adolescentes.

Primeiros anos do século XX. Uma vila de pescadores na ilha de Iojima, na antiga província de Satsuma, ao sul do Japão, onde grandes tartarugas marinhas nadavam tranquilamente junto às ama — as mulheres que mergulhavam no mar para apanhar algas e mariscos. É desse cenário que Ichi Aoi, uma jovem de quinze anos, é arrancada para um bordel de alto prestígio no distrito de prazeres de Kumamoto, em Kyushu. Vendida pelos próprios pais — prática comum entre famílias que não viam outra saída para escapar da pobreza extrema —, ela é lançada em um mundo cujas regras desconhece.

E assim esta ficção histórica de Kiyoko Murata, autora vencedora do Prêmio Akutagawa, nos leva para dentro da casa de prazer Shinonome, onde Ichi passa a ser iniciada para sua vida como cortesã, aprendendo pouco a pouco como funcionam as dinâmicas de poder de um universo regido por sexo e dinheiro. Por meio de uma escrita sensível e tocante, Murata desfia as múltiplas camadas da condição feminina em uma sociedade que naturalizava a exploração sexual de meninas adolescentes. Esta não é, no entanto, uma narrativa que descamba para o melodrama; pelo contrário, somos encantados pela inocência e pela força de Ichi, seus percalços e sua rebeldia, e pelas sagazes e complexas personagens femininas que a cercam.

Kiyoko Murata não fez deste romance um manifesto. Mas também está longe de abandonar a crítica social. É no emaranhado de opressão e sobrevivência que surge a figura de Tetsuko, a professora da Escola das Mulheres do Ofício. Com sua determinação silenciosa, ela tenta, a seu modo, desafiar a estrutura machista do distrito de prazeres, ensinando às prostitutas que a instrução é a única chave para manter, mesmo dentro daquele cosmo, um fio de

autonomia. E são essas lições — e a união que nasce entre as trabalhadoras — que levarão as mulheres do bordel a um ato de ousadia e resistência.

Há obras que encontram beleza justamente onde a vida parece mais cruel. Mulher de prazer é, acima de tudo, uma celebração sobre a capacidade humana de preservar a dignidade, criar vínculos e transformar a dor em força.

A autora

Kiyoko Murata nasceu em 1945 em Yahata, província de Fukuoka. Antes de lançar-se como escritora, explorou ocupações diversas. Sua carreira literária teve início em 1977 com o conto “Suichu no koe” [Voz sob a água], pelo qual ganhou o Prêmio Literário do Festival de Arte de Kyushu.

Ela foi agraciada com diversos prêmios ao longo de sua carreira, entre eles, o Akutagawa em 1987 por Nabe no naka [No caldeirão] — obra que inspirou o filme Rapsódia em agosto, de Akira Kurosawa, de 1991 —; o Prêmio Yasunari Kawabata em 1998 por Bocho [Chama-marés]; o Prêmio Noma em 2010 por Kokyo no wagaya [Família e origens]; e, em 2014, foi a vez de Mulher de prazer conquistar o Prêmio Yomiuri. Seu romance Warabinoko [Ida a Warabino], de 1994, foi também adaptado para o cinema por Hideo Onchi em 2003.

Em reconhecimento à sua contribuição para a literatura, Murata foi condecorada com a Medalha da Fita Púrpura e com a Ordem do Sol Nascente. Em 2017, foi eleita membro da Academia de Artes do Japão.

Trechos

“As garotas tinham muitas coisas a aprender. Entre elas, as técnicas sexuais eram consideradas habilidades imprescindíveis para a sobrevivência das mulheres, então, todos os dias, depois de terminarem o café da manhã, arrumarem a cozinha, fazerem a limpeza e lavarem as roupas, elas recebiam um treinamento intensivo no terceiro andar do bordel até o início da tarde.” [p. 18]

“As garotas soluçavam baixi-



nho e, enquanto Ichi olhava para o ideograma de “mãe”, que também fazia parte do ideograma de “mar”, em sua mente ela viu as ama, de corpos nus ainda mais pálidos do que os golfinhos, nadando juntas no mar iluminado pela luz alva do sol.” [p. 23]

“O que importava no momento era apresentar Ichi ao velho negociante. Para uma jovem prostituta, ter um octogenário como primeiro cliente era uma dádiva. Um homem mais velho que não forçasse uma prostituta na primeira vez era um parceiro enviado dos céus. A lembrança de uma primeira vez sem pressa, sem brutalidade, terna, se transformaria em uma luz em meio ao mar de sofrimento que ela atravessaria no futuro. Um velho assim era uma bênção. Mas como fazer Ichi compreender isso?” [p. 55]

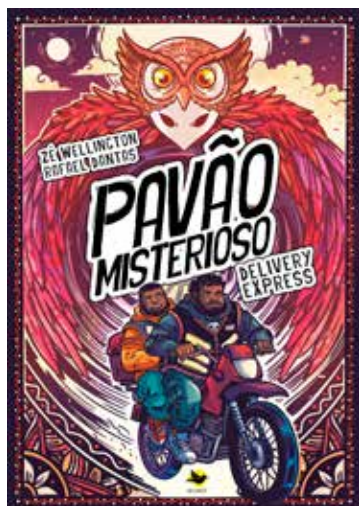
“Enquanto ouvia, Ichi pensava na primavera vindoura. Desde que chegou ali, ela não conseguia pensar no amanhã. Não há um

amanhã que possa trazer mais liberdade do que se tem hoje. Como estará sua vida nessa época? Ela fechou os olhos. Sentia que era arrastada para algum lugar. O amanhã estava em algum lugar adiante. O próximo ano, ainda mais longe.” [p. 94]

“Se as garotas que foram vendidas tivessem permanecido no interior, provavelmente passariam o resto de suas vidas sem escrever. Sem se preocupar em encontrar palavras que descrevessem as flores que observavam. Flores seriam flores. Pássaros, apenas pássaros. Árvores, apenas árvores. Uma existência à qual não seria necessário acrescentar mais palavras. Um mundo de certa forma sem erros, mas também sem sutilezas, sabor e profundidade.” [p. 156]

SERVIÇO: Mulher de prazer, Kiyoko Murata / Tradução: Karen Kazue Kawana @karenk.kawana / 320 páginas / preço R\$ 88,00

DO DELIVERY AO MULTIVERSO: ENTREGADOR DE APLICATIVO ENCONTRA SEU DUPLO EM “PAVÃO MISTERIOSO DELIVERY EXPRESS”



Livro transmídia de Zé Wellington @zewellington e Rafael Dantas @rafaeldantasart mistura literatura e quadrinhos para contar uma aventura ambientada em Fortaleza, entre universos paralelos, entidades-pássaro e a corrida de um pai para levar a filha ao médico

O que aconteceria se, no meio de uma jornada de trabalho, um entregador de aplicativo encontrasse uma cópia exata de si mesmo? Em “Pavão Misterioso Delivery Express”, novo livro transmídia da Avoante Editora, essa situação é apenas o começo de uma aventura que envolve universos paralelos, entidades-pássaro, uma organização secreta e uma nave em forma de pavão.

Com texto de Zé Wellington e desenhos de Rafael Dantas, ambos coautores da obra, o livro reúne literatura e histórias em quadrinhos em uma narrativa que tem Fortaleza como palco e aproxima ficção fantástica, crítica social, cultura nordestina e humor. A proposta nasceu justamente do encontro de dois projetos diferentes: uma história sobre universos paralelos pensada por Zé Wellington e páginas de um projeto inacabado sobre um entregador desenhadas por Rafael Dantas. As duas ideias acabaram se transformando em uma única obra.

No centro da história está Jeferson, entregador de aplicativo que tenta alcançar o primeiro lugar no ranking do EntregaFast. A recompensa é um aumento de 2% no faturamento. Para quem está tentando pagar as contas e melhorar as condições de atendimento da filha, Luana, a diferença é signifi-



cativa.

Luana está com uma gripe forte há mais de uma semana e precisa ser levada ao médico. Jeferson, porém, está determinado a cumprir suas entregas. “Se eu conseguisse, em breve a Luana ia mudar das filas da UPA direto pras clínicas da Aldeota. Até porque, pior que doença é não ter dinheiro pra pagar as contas”, pensa o personagem. Ele tem menos de uma hora para cumprir o serviço e sabe que precisa correr. “É bunda no banco e mão no acelerador.”

A rotina de trabalho, entretanto, começa a sair do eixo quando Jeferson chega a um condomínio para fazer uma entrega. O prédio é antigo, o elevador parece saído de um filme de terror e uma sensação de enjoo, acompanhada por uma dor na parte de trás da cabeça, fica cada vez mais forte. Ao chegar ao apartamento, ele abre a porta e dá de cara com alguém que é exatamente igual a ele: trata-se de outra versão de Jeferson.

A explicação vem de um homem chamado Evan, responsável por uma espécie de organização que atua quando coisas de universos diferentes se misturam. O problema é que uma das entidades-pássaro está se movimentando naquele universo e há dois Jefersons onde deveria haver apenas um.

“Os meus sistemas não tão conseguindo me dizer quem tá no universo correto, se é tu que na dimensão do outro ou outro que tá na tua”, explica Evan. É nesse momento que surge o Pavão Misterioso, uma nave em forma de pavão utilizada para atravessar os universos e lidar com esses “deslo-



camentos incidentais”.

A referência remete diretamente à cultura nordestina. A obra recupera elementos do cordel “O romance do Pavão Misterioso”, além da referência à música de Ednardo, incorporando à ficção científica o tom fantástico e o linguajar regional que marcam a cultura cearense e nordestina.

Na história, os universos precisavam continuar separados. Quando um ser de uma realidade aparece na outra, as entidades-pássaro Capote e Caburé reagem. E as consequências podem ser enormes. “Quando isso acontece não sobra um dinossauro sequer pra contar história! E ninguém aqui quer um Ragnarok com forró tocando no fundo, né?”, alerta Evan.

Entre a corrida pelo ranking e a crítica à meritocracia

A aventura fantástica serve de ponto de partida para discutir uma experiência bastante concreta: a vida dos trabalhadores de aplicativos.

Segundo Zé Wellington, o livro retrata entregadores que diariamente colocam suas vidas em risco nas ruas das grandes cidades enquanto são submetidos à exploração pelas grandes empresas de tecnologia do segmento. A narrativa também questiona o discurso da meritocracia e da produtividade de que responsabiliza o indivíduo pelo próprio sucesso ou fracasso, ignorando as desigualdades existentes.

Jeferson acredita nos discursos de produtividade e na ideia de que é possível dar conta de tudo. Ao mesmo tempo, convive com questões relacionadas ao déficit de atenção. No livro, essa característica do personagem se conecta à crítica ao excesso de estímulos, às notificações, às redes sociais e à cobrança permanente por desem-

penho.

A própria lógica do ranking resume esse conflito: mesmo quando encontra uma situação absurda envolvendo universos paralelos, Jeferson continua preocupado com suas entregas e com a possibilidade de perder a posição que pode aumentar seu faturamento. “Eu precisava ser multitask, como dizia o Alê. Tinha que fazer as duas coisas. Ia dar tempo.”

Quando o outro Jeferson revela um futuro possível

A dimensão mais dramática da história aparece quando a cópia de Jeferson descobre que Luana está esperando o pai em casa. Enquanto Evan tenta impedir que Jeferson deixe o apartamento antes de descobrir quem pertence àquele universo, sua cópia decide ajudá-lo. O encontro ganha outro significado quando o duplo revela que também tinha uma filha. Com os olhos marcados pela tristeza, ele diz: “Leva a tua Luana pra ela não morrer igual a minha!”

O momento coloca em primeiro plano uma das questões centrais da narrativa: diante da pressão pelo trabalho e pela sobrevivência, até onde é possível adiar aquilo que realmente importa?

Mesmo depois de sair do apartamento, Jeferson continua dividido. Ele sabe que deveria voltar para casa e levar Luana ao médico, mas também acredita que ainda precisa cumprir as entregas e alcançar o ranking 1. A obra transforma o encontro entre duas versões do personagem em uma reflexão sobre trabalho, cuidado, perda e as escolhas que fazemos quando acreditamos que precisamos dar conta de tudo.

Literatura e quadrinhos em dois universos

A estrutura de “Pavão Misterioso Delivery Express” também dialoga diretamente com a própria história. A obra alterna literatura e quadrinhos para representar a passagem do protagonista entre diferentes universos, criando um efeito metalinguístico.

Para Zé Wellington, a mistura entre cotidiano e literatura fantástica é parte de uma trajetória que inclui obras como “Cangaço

Overdrive” e “Mata-mata: versão estendida”. Rafael Dantas, por sua vez, trabalha com quadrinhos há mais de 15 anos e já atuou em projetos no Brasil e no exterior, incluindo trabalhos para títulos como “Doctor Who” e “The Phantom”.

A parceria dos dois autores volta a colocar o Ceará no centro de uma narrativa que combina referências nordestinas, ficção científica, fantasia, humor e crítica social.

“Pavão Misterioso Delivery Express” está em pré-venda por R\$ 25, com envio dos exemplares a

partir de novembro. A edição impressa integra a linha econômica da Avoante Editora, com formato de bolso e preço acessível.

O projeto conta com apoio da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022).

Sobre os autores

Zé Wellington nasceu em Sobral, no Ceará, e trabalha com literatura e quadrinhos há mais de 20 anos. É escritor, roteirista de histórias em quadrinhos, produtor cultural e consultor. Venceu o Tro-

féu HQMIX em 2016 por “Steampunk Ladies: Vingança a Vapor” e foi semifinalista do Prêmio Jabuti por “Cangaço Overdrive” e “Mata-mata: versão estendida”. Também venceu o Prêmio ABERST e o Prêmio LeBlanc.

Rafael Dantas nasceu em Fortaleza e trabalha com quadrinhos há mais de 15 anos. Co-fundador do estúdio Qomics, atua como artista de quadrinhos e ilustrador, com trabalhos para projetos independentes e empresas no Brasil e no exterior. Já trabalhou em títulos como “Doctor Who” e “The Phan-

tom” e é coautor de “Miss Hyde”. Foi finalista do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2025 na categoria Quadrinhos Fantásticos por “Cangaço Overdrive: Além das Raízes”.

Ficha técnica: Pavão Misterioso Delivery Express, Zé Wellington e Rafael Dantas / Avoante Editora / Formato: Livro transmídia, com literatura e histórias em quadrinhos / Gênero: Ficção científica / Fantasia / Preço: R\$ 25,00 / @avoanteditora

O QUE UMA CRIANÇA FARIA DIANTE DA VIOLÊNCIA?

Livro infantojuvenil “Super Henry” transforma trauma real em aventura fantástica

Inspirado no caso Henry Borel, livro de Antonio Sampaio Dória coloca um menino no centro de uma história sobre violência doméstica, poder e justiça

Até onde pode ir um super-herói quando o vilão está dentro de casa? Livro infantil inspirado em tragédia real enfrenta violência e abuso de poder

Inspirado no caso Henry Borel, “Super Henry”, de Antonio Sampaio Dória, leva violência doméstica, abuso de poder e justiça para a literatura infantojuvenil

Voltado para o público infantojuvenil, o livro “Super Henry”, escrito pelo professor, mestre em Literatura Comparada pela USP e escritor Antonio Sampaio Dória (@blogselivros insta), rompe os tabus da literatura infantil ao abordar a violência doméstica, a omissão e o poder arbitrário sem recorrer a discursos didáticos ou moralizantes, dando voz e protagonismo ao olhar da criança. Publicado pela Abrementes Editora, a obra foi ilustrada em aquarela por Raissa Castro.

A trama se passa no Morro do Castelo, uma comunidade sob o domínio opressivo do temido Coronel e de seus seguranças. Henry é um menino repleto de imaginação e teimosia que acredita ser um verdadeiro Super-Herói, munido de uma capa azul, um estilingue e o sonho de voar. Ao lado dos seus amigos (Tatu, Foca e Pulga), ele patrulha o morro inteiro.

Mas o maior perigo não vem do lado de fora e sim de dentro de sua própria casa. Com a separação dos pais e o novo relacionamento da mãe com o filho do Coronel, apelidado de “Dito Cujo”, Henry passa a enfrentar rasteiras, cascudos, ma-

nipulação psicológica e agressões físicas. O livro acompanha a coragem do garoto ao tentar alertar os adultos e defender sua mãe, em uma jornada conturbada que mescla o heroísmo infantil à dura realidade de uma infância sufocante.

Inspirado pela dor e indignação diante do caso real do menino Henry Borel, Antonio aborda o trauma da violência com sensibilidade e cuidado. Ele considera que o tema, apesar de difícil, precisava aparecer em um livro infantil, mas para isso o personagem não poderia ser apenas uma vítima. Assim, Henry cumpre a ‘jornada do herói’ assumindo desafios, amadurecendo e vivendo seu arco de protagonista.

Um dos pontos centrais da narrativa é a criação do conceito de “Pendimento”, que é uma forma simplificada que o protagonista encontra para a palavra arrependimento. Para ele, o Pendimento é uma pedra pesada amarrada ao pescoço, simbolizando a consciência das ações que causam dor ao outro.

Enquanto personagens como o vilão Dito Cujo representam a ausência de ética e remorso, o menino desenvolve mais empatia ao longo de suas aventuras, compreendendo as consequências da dor e da vingança, do certo e do errado. Além da dimensão pessoal, o livro inova ao trazer o poder político e as milícias locais (representadas pelo Coronel) para a literatura infantil, expondo as estruturas arbitrárias que cercam a vida nas periferias e morros.

Essa escolha de enredo se deu, porque Antonio considera que as crianças são excelentes observadoras da realidade e não a nega

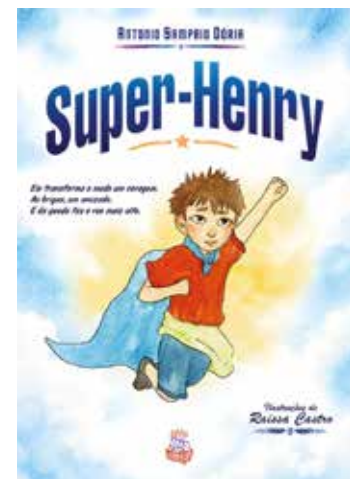
para manter conveniências, ao contrário dos adultos, que muitas vezes fazem isso para manter vantagens e ilusões momentâneas. “O Henry do livro não se omite: ele conta aos adultos o que está acontecendo. As crianças precisam saber que não podem ser agredidas ou manipuladas”, conclui.

Fiel à tragédia que o inspirou, a obra não hesita em levar a história até suas últimas consequências, abrindo espaço para uma dimensão espiritual e fantástica no terço final. Quando a violência do padrasto culmina no abismo, a batalha de Henry não se encerra: como “espírito”, ele ganha finalmente os céus, conquista o poder definitivo de voar e retorna à Terra para intervir, dar força aos amigos e garantir que os malfeitores e os poderosos corruptos prestem contas à justiça.

Antonio olha para a realidade e cria literatura para as infâncias

Antonio Sampaio Dória é professor, escritor e mestre em Literatura Comparada pela FFLCH-USP. Com vasta trajetória na docência e na pesquisa de literatura infantojuvenil (autor do premiado ensaio “O Preconceito em Foco”, selo Altamente Recomendável da FNLJ, e do sucesso editorial “Um Amigo Inesquecível”), fundou em 2025 a Abrementes Editora. Dedicar-se a criar obras que discutem questões sociais urgentes para a formação de novas gerações de leitores críticos.

Também escreveu um livro sobre racismo, “A Virada de Tia Nastácia”, e um sobre censura a livros, “Era uma vez... E não é mais!”. Seguindo o autor, a decisão de falar sobre “questões sociais” importantes, sabendo muito bem que



não cabem discursos moralizantes, ou soluções do tipo “A moral da história é...” é intencional: “As personagens vivem sua realidade e reagem a ela de forma dinâmica. Ou seja, tento discutir essas questões sem o didatismo característico de certas obras — que ou falam só daquele assunto, sem admitir subtomas, ou simplesmente assumem que são de fato um livro utilitário, para ‘lidar’ com certas questões, tais como ‘livro para desfraldar a criança’, ‘livro para ensinar higiene’. Procuro criar uma obra artística”, conclui.

Alguns livros ganharam morada na memória do autor, ainda em sua infância, e influenciaram na criação de Super-Henry. Entre eles, se destacam os títulos “Os meninos da rua Paulo”, “Tistu, o menino do dedo verde”, clássicos infantis. “Em todos eles, há uma aventura e um enfrentamento de ‘inimigos’, ou de um problema social. Há a aprendizagem, a superação, o personagem forjando a si mesmo. Acho que tudo isso está presente em Super-Henry”, reflete.

Adquira “Super Henry”, da Editora Abrementes: <https://livraria.bookinfometadados.com.br/categoria/JUV/produto/9786598732448/super-henry>

ARTHUR SIMON ESTREIA NA LITERATURA COM ROMANCE QUE MISTURA DESCOBERTA DA SEXUALIDADE, SUSPENSE SOBRENATURAL E CRÍTICA AO CONSERVADORISMO

Em *Lana, como eu odeio esses caras!*, autor cria uma narrativa ambientada em 2008, entre referências pop, memórias de um passado de repressão e uma história de amor entre duas adolescentes.

“Arthur Simon constrói uma narrativa cinematográfica onde o humor faz respirar entre os momentos de tensão crescente e o amor aparece quando ninguém o estava buscando. O romance se ilumina com personagens que ficam na memória, articulando temas como identidade, desejo e a coragem de enfrentar o ódio quando ele tem nome, endereço e se organiza.”

Andrezza Postay, escritora e professora de Escrita Criativa

Uma mudança inesperada para uma pequena cidade do interior coloca uma adolescente diante de sentimentos que ainda não sabe nomear, de uma amizade que se transforma em amor e de uma ameaça que atravessa gerações. *Lana, como eu odeio esses caras!*, (Casa de Astérion @asterion livros, 326 páginas), romance de estreia de Arthur Simon @arthursimon, Jéssica é arrancada da vida que conhecia em Florianópolis e levada para Hortênsias, cidade fictícia de colonização alemã em Santa Catarina. Ali, em meio à hostilidade de uma comunidade fechada, ela conhece Lana, uma vizinha de cabelo platinado, tatuagem de arco-íris e uma habilidade surpreendente: mover objetos com a mente.

Ambientado em 2008, o romance combina coming-of-age, suspense sobrenatural e thriller político para contar uma história sobre identidade, desejo, pertencimento e enfrentamento do conservadorismo. Ao mesmo tempo em que acompanha a descoberta da bissexualidade de Jéssica e sua aproximação com Lana, o livro mergulha em um passado marcado pela repressão e revela que determinadas ideias não ficaram restritas aos livros de História.

A ambientação também recupera um período de transição tecnológica e cultural que marcou uma geração. Orkut, MSN e comunidades virtuais aparecem ao lado de referências pop como Britney Spears e Friends. Jéssica é fã de Britney e escuta o recém-lançado Blackout, enquanto mantém conversas pelo MSN com a amiga que ficou na cidade anterior. Esses elementos ajudam a reconstruir o cotidiano de 2008 e aproximam o leitor da experiência da protagonista.



Um amor em meio ao conservadorismo

A relação entre Jéssica e Lana é um dos centros da narrativa. Em uma cidade onde aquilo que foge do padrão é recebido com desconfiança ou violência, a aproximação entre as duas se transforma em espaço de descoberta, acolhimento e enfrentamento.

É Lana quem ajuda Jéssica a compreender e nomear sua própria sexualidade. “A gente nasce do jeito que tem que nascer”, diz a personagem em um dos momentos mais marcantes da história. A partir daí, o romance aborda o peso do armário, o medo da rejeição familiar e a importância da aceitação, especialmente durante a adolescência.

Para Simon, Lana, como eu odeio esses caras! é também o livro que gostaria de ter encontrado quando era mais jovem. “O livro que eu gostaria de ter lido (e, melhor ainda, escrito) quando mais jovem”, afirma o autor.

A dimensão LGBTQIAPN+ da narrativa não aparece, porém, isolada da história de suspense. O amor entre as protagonistas está diretamente ligado ao conflito maior que atravessa Hortênsias,



fazendo com que a descoberta individual de Jéssica se encontre com uma disputa mais ampla sobre memória, identidade e poder.

Um passado que insiste em permanecer

Enquanto Jéssica e Lana se aproximam, a descoberta de diários de 1942 amplia a dimensão da trama. Os registros revelam que o avô de Lana viveu um amor proibido durante o Estado Novo, período marcado pela repressão a imigrantes alemães e pela perseguição a homossexuais.

O passado, entretanto, não está encerrado. O nazismo e o integralismo aparecem na trama associados a uma organização secreta que continua atuando na cidade. A investigação leva os personagens a perceberem que as ideias que sustentaram diferentes formas de violência no passado ainda podem encontrar espaço no presente.

“Hortênsias é a prova de que os ideais nazistas ainda estão entre nós”, escreve a mãe de Jéssica, jornalista, em um artigo que explicita uma das principais tensões políticas do romance.

A construção desse conflito também dialoga com pesquisas realizadas pelo próprio autor sobre o conservadorismo em Santa Catarina. Segundo Simon, esses temas são “temas que me compõem” e, por isso, não poderiam ficar de fora da obra.

A história transforma, assim, o resgate histórico em parte essencial do suspense. Ao investigar o passado da cidade, as personagens também precisam lidar com

aquilo que permanece vivo no presente.

Uma narrativa construída como “história dentro da história”

A escrita de Simon é “cinematográfica e hiperestésica”, termos utilizados pelo mestre Luiz Antonio de Assis Brasil, com quem concluiu uma oficina literária em julho de 2026.

O romance alterna momentos de tensão e cenas de intimidade, construindo uma narrativa que se desloca entre diferentes tempos, registros e perspectivas. Além da narração tradicional, a obra incorpora bilhetes, posts em fóruns da internet, artigos de jornal e um diário íntegro transcrito.

Essa estrutura cria o efeito de uma “história dentro da história” e rompe com uma narrativa inteiramente linear. O leitor acompanha a investigação do presente ao mesmo tempo em que acessa documentos e registros que ajudam a reconstruir o passado de Hortênsias.

“O lugar é aqui”, frase que ecoa no diário do avô de Lana, torna-se um dos lemas de uma história sobre pertencimento e sobre a decisão de permanecer e lutar mesmo quando as circunstâncias parecem estar contra os personagens.

O humor também participa dessa construção. Em meio ao suspense e aos conflitos políticos, a narrativa abre espaço para referências da cultura pop e para diálogos que aproximam as personagens do leitor, criando um contraste entre a leveza da adolescência e a violência que atravessa a história.

Para Simon, a literatura de entretenimento também pode exercer uma função formativa. É nesse espaço, entre diversão, identificação e reflexão, que o autor afirma “orgulhosamente produzir”.

Sobre o autor

Arthur Simon, 32 anos, nasceu, cresceu e vive em Florianópolis, com uma breve passagem por uma cidade de três mil habitantes na Califórnia. Formado em Direito em 2016, é servidor público desde 2018 e atua atualmente como Analista Judiciário no Tribunal Re-

gional do Trabalho da 12ª Região.

A escrita ganhou espaço em sua trajetória a partir de 2023, quando iniciou uma especialização em Escrita Criativa pela PUCRS, concluída em 2024. Desde 2025, cursa Letras, Língua Portuguesa, na UFSC. Em 2024, recebeu menção honrosa no 4º Prêmio Literário Máquina de Contos com o conto O presente de Marta.

A gênese de Lana, como eu odeio esses caras! começou com uma imagem recorrente: duas meninas em uma floresta. Para

o autor, “foi o meu livro que me escolheu”. Nos agradecimentos, ele escreve sobre a esposa: “Não haveria livro sem ela; não haveria sequer Arthur-escriptor sem ela”.

Simon também idealizou um Clube de Escrita e aponta como principais influências a cultura pop, a literatura norte-americana e autores como Carol Bensimon. Sua primeira referência literária está ligada à lembrança de sua mãe lendo Harry Potter para ele. Mais tarde, obras como O Morro dos Ventos Uivantes, de Emily

Brontë, O Apanhador no Campo de Certeira, de J. D. Salinger, e, mais recentemente, Os Sete Maridos de Evelyn Hugo, de Taylor Jenkins Reid, passaram a integrar seu repertório.

“Essas histórias têm em comum uma sensação de us against the world, ‘nós contra o mundo’, e uma captura bastante específica do seu tempo”, reflete. “A qualidade estética delas soa ainda mais importante para mim: a técnica narrativa focada em cenas.”

Atualmente, Arthur Simon tra-

balha na escrita de seu próximo romance, que terá como tema o processo de se perceber adulto. “Aquele momento exato, quando notamos que alguma coisa dentro de nós mudou para sempre... no meu novo romance estou tentando capturar a brevidade e imensidão desse momento.”

Adquira **Lana, como eu odeio esses caras!**: <https://loja.olimpoeditora.com/pre-venda-lana-como-eu-odeio-esses-caras-arthur-simon>

Karoline Lopes e Marcela Güther

HALLOWEEN À BRASILEIRA: EM “FLORES ASTRAS”, O TERROR TROCA CASTELOS POR UM CASARÃO DE CAFÉ EM MINAS GERAIS



Romance de estreia de Marcelo Nery @autor.marcelonery adapta o gótico à paisagem brasileira e transforma heranças familiares, memória e conflitos sociais em matéria de horror

E se, em vez de um castelo europeu, o cenário do horror fosse uma fazenda de café no interior de Minas Gerais? É essa a proposta de Flores Astrais (Editora Mondru @mondrueditora), romance de estreia de Marcelo Nery, definido pelo autor como uma “saga familiar gótica rural mineira”.

A história acompanha Tiago Amaral Grandi, que retorna à fazenda da família após a morte do pai, em 1980. Entre segredos, assombrações, intolerância e traumas transmitidos entre gerações, o passado volta a ocupar o casarão onde a família viveu por décadas.

Do castelo ao casarão de café

Para Marcelo Nery, o gótico não precisa de uma paisagem europeia para funcionar. “Se na Inglaterra o nevoeiro cobre o pântano, aqui a poeira vermelha sobe das estradas de terra. Se lá o corvo anuncia a morte, aqui o urubu observa em silêncio. O castelo medieval se transfor-

ma em casarão de café”, afirma Nery.

Mais do que uma mudança estética, a adaptação permite ao autor explorar um horror ligado às heranças brasileiras: terras, sobrenomes, silêncios, violências e relações de poder que atravessam gerações. “O gótico sempre foi uma literatura sobre heranças que já deveriam ter se tornado pó a sete palmos. E o Brasil é um país estruturado sobre heranças.”

Quando a casa também assombra

Em Flores Astrais, o casarão é parte da narrativa. Seus espaços, objetos e símbolos ajudam a construir a atmosfera de suspense, enquanto elementos do cotidiano mineiro, como o café, os “causos”, as damas-da-noite e a belladonna no jardim, ganham uma dimensão inquietante.

A escritora Jarid Arraes, que assina o prefácio, destaca: “O verdadeiro gótico se mostra na atmosfera rica em experiências sensoriais, nos segredos que se entranham entre móveis e corpos, e na herança psicológica que se recusa a morrer.”

O sobrenatural é apenas uma das camadas do romance. A obra também aborda hierarquias familiares, intolerância religiosa e preconceito sexual, aproximando o horror de conflitos atravessados pela história brasileira.

Quando a realidade é mais assustadora

Tiago cresce na cidade grande, se descobrindo como ser humano. Durante esse período, que passa pela ditadura militar, Tiago se torna membro de uma frente

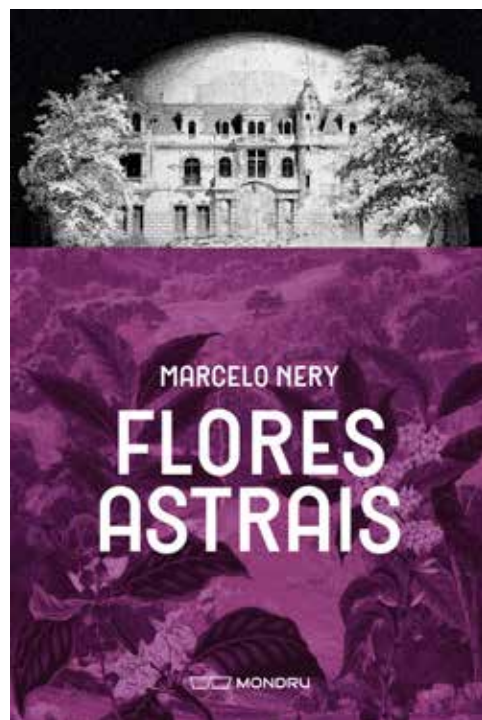
de resistência, e o Flores Astrais nos transporta para um centro urbano, fugindo da fazenda de café momentaneamente, intercalando capítulos no presente e no passado. Assim, Nery nos contrapõe entre a realidade de uma capital, Belo Horizonte, e o fantástico na fazenda de café. É nesse momento que o leitor entende que o mundo real pode ser mais assustador que fazendas assombradas.

Um escritor entre mundos

A construção de Flores Astrais também é atravessada pela trajetória de Nery. Formado em Ciência da Computação, foi professor universitário por 16 anos e criou e coordenou o curso de Jogos Digitais da PUC Minas. Atualmente, atua como coordenador de game design e sênior game designer na ARVORE Immersive Experiences, desenvolvendo projetos de realidade virtual e aumentada para empresas como Meta, Universal Studios, Sony e Blumhouse.

“Escrevo como quem investiga um mistério: com método, mas também com intuição.”

Para o escritor Santiago Nazarian, Flores Astrais é “um épico familiar muito bem estruturado, misturando suspense, o kitsch e



a crítica social com muito tempero”.

Neste Halloween, o romance propõe uma pergunta: e se os fantasmas mais assustadores não fossem os que vêm de fora, mas aqueles que herdamos?

Sobre o autor

Marcelo Nery nasceu em Belo Horizonte. Formado em Ciência da Computação, foi professor universitário por 16 anos e criou e coordenou o curso de Jogos Digitais da PUC Minas. Atualmente, atua como coordenador de game design e sênior game designer na ARVORE Immersive Experiences. Também publicou o jogo de tabuleiro Don Juan, pela 999 Games. Flores Astrais, da Editora Mondru, é seu primeiro romance.

24 ANOS DEPOIS, HERMES COELHO REVISITA “NU” EM EDIÇÃO AMPLIADA QUE RESGATA 17 POEMAS ESCRITOS NOS ANOS 1990

Livro que inaugurou a **Trilogia do Trauma** ganha nova edição pela Patuá com revisão do autor, textos recuperados e paratextos de Nina Rizzi, Rogério Bernardes e Adriano Lobão Aragão; obra foi apresentada na Bienal de São Paulo

Publicado originalmente em 2002 pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves, após vencer o Concurso Novos Autores – Prêmio Cidade de Teresina 2000, *Nu*, de Hermes Coelho, [@hermescoelho](#) retorna ao público 24 anos depois em uma segunda edição, revista e ampliada, pela Editora Patuá. Primeiro livro da Trilogia do Trauma, completada por *Violado* (2023) e *eclipse* (2024), a obra marca o início de uma poesia em que alienação, não pertencimento, desejo e corpo aparecem como experiências indissociáveis. Após apresentação na última Bienal do Livro de São Paulo, o autor pretende realizar eventos em Brasília (DF) e Teresina (PI).

A nova edição nasce de um reencontro do autor com os cadernos em que os poemas foram escritos, principalmente em meados dos anos 1990, em Teresina (PI). Ao revisar o material, Hermes decidiu recuperar 17 poemas da época, agora identificados com asterisco, e retirar textos que, segundo ele, não se encaixavam na proposta filosófica do projeto. O resultado é uma espécie de “versão do diretor” de seu primeiro livro, que preserva a escrita daquele período ao mesmo tempo que incorpora o olhar do poeta sobre a própria obra décadas depois.

“Quando Eduardo Lacerda, editor da Patuá, me propôs republicar *Nu* 24 anos depois, vi a oportunidade de fazer uma espécie de ‘versão do diretor’, excluir as gorduras e acrescentar 17 poemas escritos naquela época que eu entendia como ‘explícitos demais’, que poderiam mostrar mais do que eu gostaria em termos de sexualidade. Finalmente, estou nu de verdade”, conta o autor.

Em *Nu*, Hermes parte do sentimento de alienação vivido na juventude e do estranhamento diante de um mundo que lhe parecia cada vez menos lírico. Os poemas registram a tentativa de encontrar lugar em uma realidade percebida



como desencantada e a sensação de não pertencimento que atravessa o indivíduo, o território e o próprio corpo.

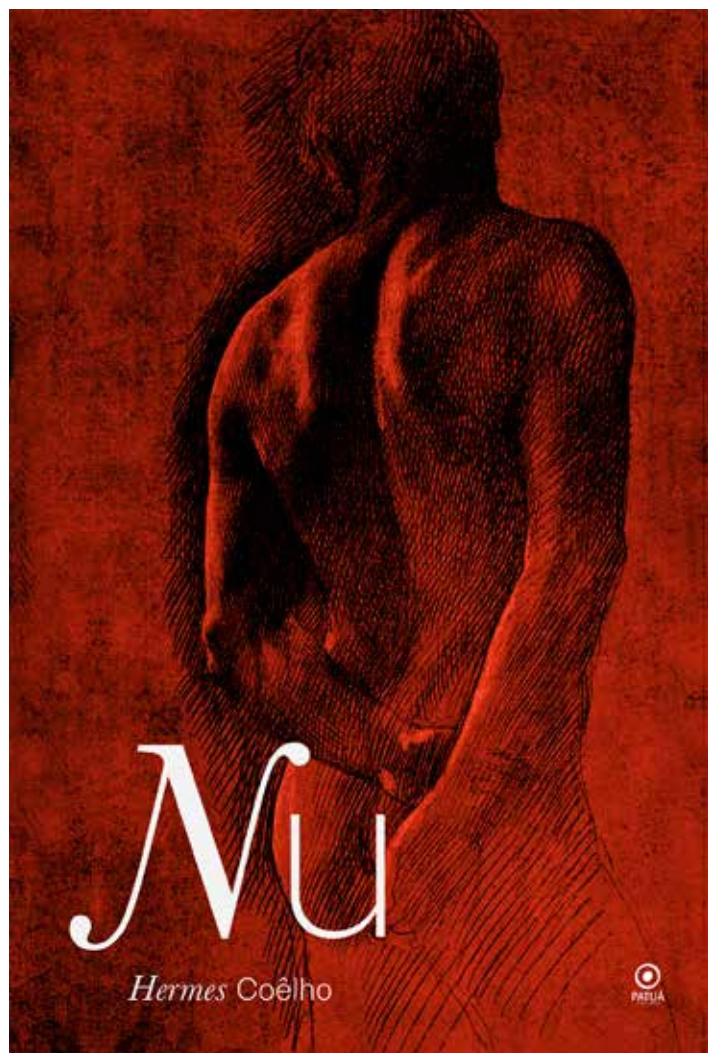
Esse movimento também está na origem da Trilogia do Trauma. Em *Nu*, o poeta trabalha experiências de alienação e estranhamento; em *Violado*, publicado em 2023, a escrita se volta para o abuso sexual; e, em *eclipse*, lançado em 2024, para a descoberta do HIV. A nova edição, portanto, também reorganiza a leitura da trajetória poética construída ao longo de mais de duas décadas.

“Meus livros nascem da reconstrução poética de momentos traumáticos ou de alienação vividos. Por isso, digo que *Nu*, *Violado* e *eclipse* contam a trajetória de metamorfose do poeta. Lagarta (*Nu*) —> Casulo (*Violado*) —> Mariposa (*eclipse*)”, explica Hermes.

O corpo ocupa lugar central nessa primeira etapa da trilogia. Em uma poesia marcada pela confissão, pelo erótico e pela musicalidade, ele aparece tanto como território de desejo quanto de dor. O livro também registra o desconforto de quem se percebe estrangeiro em seu próprio lugar e em si mesmo.

“Em *Nu*, meus versos confessionais começam o uso de metáforas para expor minhas entranhas, minhas mazelas, meus traumas”, afirma o poeta. Para ele, trata-se do “estranhamento de perceber-se estrangeiro na própria terra e no próprio corpo. São versos de um jovem poeta mostrando sua nudez aos leitores pela primeira vez”.

Dividido em três partes, “o eu



inconfesso”, “o amor que não existia” e “e mais nada”, o livro reúne poemas curtos e de forte musicalidade. No texto de abertura, o eu-lírico enumera diferentes identidades que poderia assumir, entre elas profeta, professor, publicitário, cineasta e pastor, até chegar à ideia de um sujeito ainda em formação. Em outros momentos, o desejo ganha uma dimensão física e territorial, como no verso que fala da vontade de “transar no Parnaíba”.

A relação entre poesia, corpo e libertação atravessa a concepção do autor sobre sua própria escrita. “Minha poesia é confessional e não-acadêmica. Sou catequizado por Manuel Bandeira - ‘não quero mais saber do lirismo que não é libertação!’”, afirma Hermes.

A segunda edição também amplia o diálogo de *Nu* com outros escritores. O livro traz orelha assinada pelo poeta Rogério Bernardes, prefácio do poeta Nina Rizzi e posfácio do escritor Adriano Lo-

bão Aragão.

Bernardes define *Nu* como “o retrato mais honesto de uma poética contundente em formação”. No prefácio, Nina Rizzi relaciona a nudez presente no título e nos poemas a um procedimento de escrita que retira camadas e aparências para chegar à experiência interior. Já Adriano Lobão Aragão situa a obra como o início de uma conversa do poeta consigo mesmo e destaca a importância da nova edição para a leitura cronológica de sua produção.

Para Hermes, retornar ao livro que deu origem à trilogia também significa compreender de outra maneira a própria trajetória. “Voltar ao início de tudo para concluir a Trilogia do Trauma parece-me correto.” Ao recorrer a Hermann Hesse, o poeta sintetiza o movimento de visitar o passado: “Mergulhar em águas conhecidas nos faz resgatar memórias inestimáveis do primeiro banho. E eu gosto de mergulhar nu”.

“Não fui eu quem escolhi a poesia. Foi a poesia que me escolheu”, resume Hermes Coêlho. “Ela jorra forte como sangue a cada vez que tenho que lidar com as complexidades da vida.”

Sobre o autor

Hermes Coêlho é poeta e jornalista. Nasceu em Teresina (PI) e vive em Brasília (DF). Formado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí, atuou nas afiliadas das TVs Globo, Record e Brasil, em Teresina. Desde 2010, é repórter e editor da TV Senado, onde atu-

almente é chefe de reportagem e apresentador do programa Cidadania. Venceu o Concurso Novos Autores – Prêmio Cidade de Teresina 2000, com Nu, publicado em 2002. É autor de Violado (Patuá, 2023) e eclipse (Patuá, 2024), que completam a Trilogia do Trauma.

Instagram: @hermescoelho.

Ficha técnica: Nu, Hermes Coêlho / Editora: Patuá / Gênero: Poesia / Edição: 2ª edição, revista e ampliada / Páginas: 84 / Preço: R\$ 60,00 / Adquirir a obra no site da editora Patuá: <https://www.editorapatua.com.br>

TUDO COMEÇA PELO SANGUE

Aixa de la Cruz / Tradução de Ana Saragoça

Depois de *As Herdeiras* (2024) e de *Mudar de Ideias* (2025), a vencedora do Prêmio Euskadi de Literatura regressa com uma história sobre o amor e a fé, com um final absolutamente surpreendente. E estará presente no Fólio 2026.

Violeta tenta desesperadamente preencher o vazio que carrega desde que nasceu, um vazio inexplicável que só desaparecerá com o amor dos outros. Existe o amor avassalador, porém fugaz, de Paul – uma alma gêmea, mas ao mesmo tempo uma maldição; existe o amor seguro e arrebatador de Salma – imponente, forte e bela como a rainha de um povo guerreiro; e existe ainda o amor perdido de um pai que partiu cedo demais, e o de uma mãe que por vezes pode ser sufocante.

Porém, Violeta passa a vida à procura de um ideal romântico, mas falta-lhe sempre qualquer coisa que parece simplesmente fora do seu alcance.

Enquanto isso, os anos passam, o corpo dói, o sangue corre e o próprio mundo vacila.

Poderia a fé ser a sua âncora quando nada mais funciona? Como romper um pacto de sangue?

Com inteligência e ironia, Aix de la Cruz @aixadlc traz à tona as grandes questões da sua geração, num romance extraordinário que confirma a sua reputação como «uma grande contadora de histórias que é também uma grande pensadora».

«Aixa de la Cruz constrói esta célula familiar para esmiuçar longamente problemas contemporâneos, tais como os que estão relacionados com o consumo imoderado de drogas, os confrontos entre as diversas camadas da sociedade, os feminismos, as catástrofes ambientais, ou seja, as questões que dominam as sociedades afluentes, mas desintegradas» - *Helena Vasconcelos sobre As Herdeiras*

«A autora encara o livro como uma confissão, um ajuste de contas consigo mesma, mas ele é sobretudo um gesto de libertação. Uma epifania feminista, potente, pulsátil, belíssima.» - *José Mário Silva sobre Mudar de Ideias*

SOBRE A AUTORA: Aix de la Cruz (Bilbao, 1988) é licenciada em Filologia Inglesa e doutorada em Teoria Literária e Literatura Comparada.

Publicou os romances *De música ligera* (2009), *La línea del frente* (2017) e *As Herdeiras*, o livro de contos *Modelos animales* (2015), *Diccionario en guerra* (2018), uma proposta híbrida de ficção e não-ficção sobre feminismo, *Mudar de Ideias*, e este *Tudo Começa pelo Sangue*.

Participou também em várias antologias, incluindo a seleção de escritores europeus em inglês *Best European Fiction* (2015).

FICHA TÉCNICA: Literatura Traduzida / 240 páginas / 17,70 Euros / 1.ª Edição: Setembro 2026 / Dom Quixote @domquixoteeditora



LEIA! SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.

SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

USE A CHAVE PIX:

laczine@gmail.com

DO VENTRE À CABEÇA, PRIMEIRO SOLO DA ATRIZ PARAENSE LUIZA BRAGA, ESTREIA NO SESC IPIRANGA, DIA 23 DE OUTUBRO

Com dramaturgia e atuação de Luiza Braga @luizabragac, e direção de Victor Mendes @victormendes o espetáculo retrata vida e tradições ribeirinhas amazônicas, a partir de saberes e vivências transmitidos pela avó da autora

A montagem, dirigida por Victor Mendes, trata de temas como ancestralidade, infância, travessias, cultura popular e da chamada Encantaria Amazônica, que é uma manifestação popular fundada em saberes indígenas e afro-diaspóricos. Em cena, tocando ao vivo, há a musicista Gisah Preta, que cria sonoridades e embala a cena com a sutileza proposta pela encenação. A direção musical é assinada por Marco França. Fabrício Licursi assina a direção de movimento.

Do Ventre a Cabeça estreia no Sesc Ipiranga @sescipiranga, no dia 23 de outubro. O espetáculo segue em cartaz por lá até 15 de novembro, com sessões às sextas-feiras, às 21h; e aos sábados, domingos e feriados às 18h30.

Em cena, Luiza reúne narrativas orais de uma mulher ribeirinha, de Cametá, cidade no interior do estado do Pará, e histórias míticas da cabocla encantada Mariana, a Padroeira da Encantaria e do Tambor de Mina.

A artista vai trançando um diálogo entre sua trajetória familiar, os saberes da Encantaria e as migrações que fazem parte de sua jornada.

A encenação

Partindo da palavra delicadeza, a encenação proposta por Victor busca bordar o palco com simplicidade e manualidade. A atriz manipula todos os elementos para transformá-los ou ressignificá-los na frente do público. Trazendo uma ideia do feito a mão, dessa sabedoria que se aprende na lida diária do ofício.

O cenário assinado por Marisa Bentivegna corrobora

com essa escolha, oferecendo uma sensação de palco-rio para o público, com margens borradas, no qual a atriz navega por ilhas cênicas enquanto conta sua história que faz parte de uma cultura tão rica quanto mítica.

A musicista Gisah Preta está em cena o tempo todo, como uma presença musical latente. Outro elemento sonoro importante é a voz de Mãe Rita D'Oxum, Yalorixá no T.E.U.C.Y. (Terreiro situado em Ananindeua (PA), que completa 80 anos em 2026) Sua voz presente na peça, simboliza todas as mulheres detentoras do saber e das tradições ribeirinhas amazônicas, e das encantarias, que ecoam em alguns momentos da peça, compondo essa rede da tradição em cena.

O vídeo também é um elemento cênico bastante explorado no espetáculo: projetado no couro de um tambor, como uma camada de memória em cena. A narrativa audiovisual saindo do tambor é mais um elemento ancestral de onde brota sabedoria e, ao mesmo tempo, constrói para a atriz parte de seu próprio mapa de aprendizados.

Sobre o Coletivo Filhos de Iracema

Com atuação junto a comunidades tradicionais de terreiro, especialmente a Casa Teucy, segundo terceiro mais antigo do Pará, o Coletivo Filhos de Iracema desenvolve trabalhos relacionados à identidade cultural amazônica.

O coletivo, do qual Luiza faz parte, deu suporte a toda pesquisa da peça, com entrevistas, resgatando cantigas e compilando relatos de mães de santo e das entidades que trabalham na casa, para fomentar a dramaturgia do espetáculo *Do Ventre à Cabeça*.

O projeto é originado de



Crédito: Caio Oviedo



Sinopse - Costurando saberes e o modo de vida de populações ribeirinhas da Amazônia cabocla do norte do Brasil, em relação com as narrativas míticas da Cabocla Encantada Mariana, "Do Ventre à cabeça" cria conexões poéticas entre tradição, memória e saberes populares amazônicos. O espetáculo parte dos ensinamentos de uma avó ribeirinha, revisitando ancestralidades amazônicas em conexão com a Encantaria e o Tambor de Mina.

Serviço: *Do Ventre a Cabeça*, com Coletivo Filhos de Iracema / de 23 de outubro a 15 de novembro. Sextas, às 21h, sábados, domingos e feriado 2/11, às 18h30. Exceto 25 de outubro / Sesc Ipiranga - R. Bom Pastor, 822- Ipiranga, São Paulo - SP, 04203-001 / Ingressos: R\$ 50(inteira), R\$ 25 (meia-entrada) e R\$15 (credencial plena)/ Vendas online em sescsp.org.br e presenciais na bilheteria de qualquer unidade do SP / Classificação: 16 anos / Duração: 60 minutos Capacidade: 40 lugares / Acessibilidade: Teatro acessível a cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida

uma pesquisa iniciada em 2021 durante a produção do documentário "Mariana: histórias de vida e encantaria". O estudo sobre a encantaria também deu origem à série *Pororocas*, produzida pelo Filhos de Iracema.

Ficha Técnica: Idealização: Luiza Braga e Coletivo Filhos de Iracema @filhosdeiracema / Direção: Victor Mendes Dramaturgia e Atuação: Luiza Braga Direção Musical: Marco França Produção: Corpo Rastreado – Lucas Cardoso

CIA. EXTEMPORÂNEA ESTREIA SUA VERSÃO DRAG DE “MACBETH” NO SESC POMPEIA NO DIA 22 DE OUTUBRO

Com direção de Ines Bushatsky @inesbushatsky e texto de João Mostazo espetáculo é uma continuação do projeto Shakespeare in Drag, criado pela companhia em 2024, que rendeu a Alexia Twister @alexiatwister o prêmio Shell de Melhor Ator

Uma das mais famosas tragédias de William Shakespeare (1564-1616), Macbeth, acaba de ganhar sua versão em linguagem drag queen pela Cia. Extemporânea @aextemporanea. O espetáculo, dirigido por Ines Bushatsky e com texto de João Mostazo, estreou no Mirada - Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas (com todos os ingressos esgotados) e agora ganha sua primeira temporada no Sesc Pompeia, de 22 de outubro a 15 de novembro, com sessões às quintas-feiras e aos sábados, às 20h, às sextas, às 16h e às 20h, e aos domingos às 18h.

A montagem é o segundo trabalho do projeto Shakespeare in Drag, inaugurado pelo sucesso Rei Lear, que foi vista por mais de 10 mil pessoas em diversas cidades brasileiras e rendeu a Alexia Twister o prêmio Shell 2025 de Melhor Ator. Além da Alexia, estão em cena as drags Antonia Pethit, DaCota Monteiro, Ginger Moon, Lilith Prexeva, Maldita Hammer, Mercedes Vulcão, Thelores e Xaniqua Laquisha, todas integrantes do elenco da primeira peça.

“Já era um sonho antigo fazer Shakespeare com um elenco formado inteiramente por drag queens. Tive a ideia em 2017, durante os ensaios da peça A demência dos touros, que contava com a drag Lilith Prexeva no elenco e tinha cenas inspiradas em Hamlet. Ali, há quase dez anos, já estávamos explorando muito do que iríamos concretizar futuramente, um espaço de cena onde a drag estabelece diferentes tipos de ambiguidade, entre as performances de gênero, entre o ser ou não ser, e o ser e não ser”, comenta a diretora Ines Bushatsky.

Na trama, ao voltar da guerra, o general Macbeth se depara com três bruxas



Alexia Twister e Thelores (Foto_ Gabriel Marques)

num descampado, que profetizam o seu futuro como rei da Escócia. Motivados pela previsão, ele e sua esposa, Lady Macbeth, tramam o assassinato do atual rei Duncan e a usurpação de sua coroa.

O crime, no entanto, leva o casal a ser consumido pela culpa, precipitando o reino em uma espiral de terror e despotismo. Tomado pela angústia e paranóia, à medida que vê sua coroa ameaçada, Macbeth se converte em um tirano.

Sobre o clássico shakespeariano, João Mostazo, que assina a adaptação do texto, aponta: “Apesar da trama relativamente simples, Macbeth é uma peça de extraordinária complexidade. Quase tudo do que as personagens dizem pressupõe uma segunda camada de sentido, e há um ensurdecedor não-dito pulsando por baixo de toda a ação. Ao contrário de Rei Lear – que, à maneira de um teatro do mundo, contém todas as paixões humanas – o conjunto de sentimentos que a

trama percorre é restrito, e gira em torno de um mesmo eixo emocional: medo, paranoia, traição, desconfiança, ambição. Cada uma dessas emoções, no entanto, é investigada com insuperável profundidade”.

Bushatsky conta que nas duas montagens do projeto Shakespeare in Drag, os papéis de gênero são suspensos e colocados de forma menos estática e definitiva. “A drag em relação ao personagem shakespeariano faz ainda mais uma torção, repensando figuras tradicionais a partir de escolhas políticas e estéticas trazidas pelo universo LGBTQIAPN+. Além disso, na adaptação importa menos a fidelidade literal e mais o efeito que o texto causa. Qual efeito Shakespeare conseguia quando seus personagens diziam uma gíria da época? Para isso, Mostazo insere referências a versos e expressões da cultura e da literatura brasileira, trazendo assim para perto do público inspirações poéticas já conhecidas”, ilustra.

Sobre a Cia. Extemporânea

Fundada em 2016 e dirigida por Ines Bushatsky e João Mostazo, a Extemporânea se firmou nos últimos anos como uma das mais relevantes companhias da nova geração do teatro paulistano. O grupo tem como horizonte de pesquisa a intersecção entre comédia e violência, trabalhando com produção de dramaturgia autoral e encenação de temas de relevância política e social. Ao longo de uma década, a companhia estreou oito espetáculos inéditos, além de um curta e um longa-metragem.

Em 2021, criou o Núcleo F de Falso, projeto artístico-pedagógico voltado para a criação de montagens inéditas. Entre 2016 e 2024, criou os espetáculos A demência dos touros (2017), Roda morta: uma farsa psicótica (2018) – que deu origem ao longa-metragem Rompeca-bezas (2020) –, B de Beatriz Silveira (2021), O mistério cinematográfico de Sen-dras Berloni (2022), Dr. Anti (2022) e A gente te liga, Lau-

ra (2024), além do curta-metragem Falso filme (2021).

Em 2023, contemplada pelo Prêmio Zé Renato, a Extemporânea deu início ao projeto Shakespeare in Drag, que resultou na estreia de Rei Lear (2024), no Teatro Anchieta do Sesc Consolação. Assistida por mais de 10 mil pessoas em menos de dois anos, a peça circulou por diversos estados do Brasil, participando dos mais importantes festivais de teatro do país, e em 2025 rendeu o Prêmio Shell de melhor ator para Alexia Twister.

Em 2025, a companhia foi contemplada pelo edital de Fomento ao Teatro da cidade de São Paulo, com um projeto em comemoração aos dez anos de criação do grupo. Como parte desse projeto, em 2026 foi lançado o livro Caos e repetição: 10 anos da Cia. Extemporânea, publicação que reúne textos de mais de 30 autores sobre os trabalhos de repertório da companhia, além de fotos, críticas, materiais de arquivo e registros de todos os espetáculos do grupo.

Ficha Técnica: Direção e idealização: Ines Bushatsky / Texto e codireção: João Mostazo / Elenco: Alexia Twister, Antonia Pethit, DaCota Monteiro, Ginger Moon, Lilith Prexeva, Maldita Hammer, Mercedes Vulcão, Thelores, Xaniqua Laquisha / Figurino e visagismo: Salomé Abdala / Direção de produção: Tetembua Dandara / Produção executiva: Iolanda Sinatra / Criação: Cia. Extemporânea / Direção geral: Ines Bushatsky e João Mostazo

Sinopse

Ao voltar da guerra, o general Macbeth se depara com três bruxas num descampado, que profetizam o seu futuro como rei da Escócia. Motivados pela previsão, ele e sua esposa, Lady Macbeth, tramam o assassinato do rei Duncan e a usurpação da coroa. O crime, no entanto, leva o casal a ser consumido pela culpa, precipitando o reino em uma espiral de terror e despotismo. Tomado pela angústia e paranóia, à medida que vê

sua coroa ameaçada, Macbeth se converte em um tirano.

Serviço: Macbeth, com Cia. Extemporânea / De: 22 de outubro a 15 de novembro de 2025* / Às quintas-feiras e aos sábados, às 20h; às sextas, às 16h e às 20h; e aos domingos, às 18h / **Sesc Pompeia** @sescpompeia- Rua Clélia, 93 - Água Branca, São Paulo / Ingressos: R\$ 60 (inteira), R\$ 30 (meia-entrada) e R\$ 18 (credencial plena) / Venda online em sescsp.org.br ou presencialmente na bilheteria de qualquer unidade do Sesc São Paulo Classificação: 14 anos Duração: 105 minutos Capacidade: 300 lugares Acessibilidade: Teatro acessível a cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida. Interpretação em libras nos dias 23/10, 30/10, 6/11 e 13/11 (sextas, às 20h).



Mercedes Vulcão, Xaniqua Laquisha e Antonia Pethit (Foto_ Gabriel Marques) e abaixo Alexia Twister e Ginger Moon (Foto_ Gabriel Marques)



IMAGINA NA ADOLESCÊNCIA, DE THAÍS VILARINHO, GANHA VERSÃO PARA OS PALCOS

Com Priscila Assum em cena, comédia marca a segunda parceria de Thaís Vilarinho com Cláudia Gomes, Joana Lebreiro e Pablo Sanábio, responsáveis pela adaptação teatral de *Mãe Fora da Caixa*. Montagem estreou dia 10 de outubro no Teatro Multiplan MorumbiShopping.

Depois de levar para os livros experiências e questões relacionadas à maternidade, Thaís Vilarinho vê mais uma de suas obras chegar aos palcos. Inspirado no livro homônimo da autora, o espetáculo *Imagina na Adolescência* estreou dia 10 de outubro, no Teatro Multiplan MorumbiShopping, em São Paulo. Com texto de Cláudia Gomes, direção de Joana Lebreiro e Priscila Assum em cena, a comédia acompanha uma mãe diante das mudanças provocadas pela adolescência do filho. A montagem tem coordenação artística de Pablo Sanábio e direção de produção de Will Lanzillo.

Terceiro livro de Thaís Vilarinho, *Imagina na Adolescência* parte das experiências que surgem quando os filhos crescem e a relação construída desde a infância precisa se reorganizar. O afastamento, os conflitos, as inseguranças e a busca dos adolescentes por autonomia aparecem a partir do ponto de vista de uma mãe que tenta compreender o novo lugar que passa a ocupar na vida do filho.

Escrito pela roteirista e dramaturga Cláudia Gomes, o espetáculo transpõe para o palco questões presentes no livro sem assumir o formato de manual sobre adolescência. A comédia parte de situações cotidianas para falar sobre uma relação em transformação, quando o cuidado permanece, mas precisa encontrar outras formas de existir.

“A única coisa que eu queria era que não parecesse um manual. Gostaria que o livro gerasse identificação entre as mães, empatia pelos adolescentes e reflexões. Não sou adepta a manuais para nada na vida. Acredito que a nossa vivência compartilhada é o que ajuda, é o que nos salva. *Imagina na Adolescência*, assim como meus outros livros, é exatamente sobre isso: vivências, sentimentos e pensamentos compartilhados”, afirma Thaís.

Imagina na Adolescência marca a segunda parceria de Thaís Vilarinho com a dramaturga Cláudia

Gomes, a diretora Joana Lebreiro e Pablo Sanábio, responsável pela coordenação artística do projeto. Os quatro trabalharam juntos na adaptação teatral de *Mãe Fora da Caixa*, primeiro livro da autora a chegar aos palcos. Estrelada por Miá Mello, a peça estreou em 2019, já foi vista por 250 mil pessoas e segue em cartaz sete anos depois. Em 2026, a obra também ganhou uma adaptação para o cinema.

Mãe Fora da Caixa tratava dos dilemas da maternidade e da chegada dos filhos, enquanto *Imagina na Adolescência* avança no tempo e olha para outra etapa dessa relação. A direção de Joana Lebreiro acompanha as mudanças também a partir de quem está do outro lado da porta do quarto. Entre conflitos, tentativas de aproximação e situações de humor, a montagem trata do processo de aprender a conviver com um filho que busca independência, mas ainda está em formação.

“Assim como aconteceu com *Mãe Fora da Caixa*, o que mais me alegria é acompanhar o processo e perceber cada pessoa da equipe acrescentando alguma coisa, até a peça se transformar em algo maior. Gosto de participar de tudo e aprendo muito nesse percurso. Para mim, é um presente acompanhar essa construção até a chegada do espetáculo aos palcos”, conta Thaís.

Se durante a infância boa parte das preocupações está ligada aos cuidados e à dependência dos filhos, a adolescência traz outras questões: limites, privacidade, sexo, drogas, autonomia, comunicação e a percepção de que o filho começa a construir uma vida que já não passa integralmente pelos pais.

Priscila Assum, que também é mãe de um adolescente, interpreta uma mulher que precisa lidar simultaneamente com as transformações do filho e com as próprias mudanças. Ao tentar manter a proximidade sem impedir a autonomia do adolescente, a persona-

gem se depara com situações que colocam em discussão expectativas, medos e a dificuldade de encontrar novas formas de diálogo.

“Como mãe, me identifico com muitas das situações da peça, mas tento ampliar meu olhar para além da minha experiência e dar espaço a outras maternidades, sem julgamentos sobre o que é certo ou errado. Também trouxe muito do meu humor para a personagem. Às vezes, uso esse humor para comentar a própria cena de fora, colocar uma lupa em determinada situação ou simplesmente deixar escapar uma piada. Apesar de todos os desafios da adolescência, quando passa o olho do furacão, muita coisa acaba sendo engraçada”, conta Priscila.

Ficha técnica: Inspirado livremente na obra de Thaís Vilarinho. / Elenco: Priscila Assum @priassum/ Direção: Joana Lebreiro. | Direção Geral: Wil Lanzillo @willanzillo.

Serviço: Espetáculo *Imagina na Adolescência* / Até 6 de dezembro / Sábados e domingos, às 17h. / Indicação etária:



Fotos de divulgação: Isabella Moriconi.

12 anos / Duração: 75 minutos / Ingressos: Inteira 120,00 | Meia 60,00 / Vendas em: https://bileto.sympla.com.br/event/123873?share_id=1-copiarlink TEATRO MULTIPLAN MORUMBI SHOPPING Av. Roque Petroni Júnior, 1089 Piso G2 Jardim das Acácias - São Paulo

**LEIA!
SE GOSTAR MANDE EM
FRENTE.
SE GOSTAR MUITO
CONSIDERE NOS AJUDAR.**

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

**USE A CHAVE PIX:
lacrezine@gmail.com**

GRUPO TAPA ESTREIA NO TEATRO DO SESI-SP COM COMÉDIA DO ITALIANO EDUARDO DE FILIPPO



Com direção de Eduardo Tolentino de Araujo, “Filumena Marturano” é protagonizada por Sandra Corveloni [@sandra_corveloni](#) e André Garolli [@andregarolli](#). O elenco ainda conta com Walter Breda e Maria do Carmo Soares, que trazem grande parte da comicidade para a trama. Com entrada gratuita, o espetáculo marca a estreia do Grupo TAPA [@grupotapa](#) no Teatro do SESI-SP, no Centro Cultural FIESP, na Avenida Paulista

Com mais de quatro décadas de história, o Grupo TAPA já encenou obras de Luigi Pirandello e Nicolau Maquiavel. Em 2026, o grupo se encontra pela primeira vez com outro autor italiano: Eduardo De Filippo (1900–1984), com a estreia de Filumena Marturano. A comédia aborda temas como família, maternidade, reconhecimento e relações de poder. A montagem chega aos palcos a partir de 16 de outubro, sexta-feira, às 20h, no Teatro do SESI-SP, no Centro Cultural FIESP,

dirigida por Eduardo Tolentino de Araujo e protagonizada por Sandra Corveloni e André Garolli. A temporada acontece sempre de quinta a sábado, às 20h, e aos domingos, às 19h, até 20 de dezembro. Os ingressos são gratuitos.

Escrita em 1946, Filumena Marturano (Sandra Corveloni) conta a história de uma ex-prostituta que finge estar morrendo para forçar seu parceiro de longa data, Domênico Soriano (André Garolli), a se casar com ela no leito de morte. Após a revelação da farsa, conflitos familiares e revelações sobre seus filhos testam os limites da dignidade e do afeto. O elenco também conta com Walter Breda (Alfredo), Maria do Carmo Soares (Rosália), Daniel Volpi (Nocella), Ivan Nobrega (Michael), Felipe Souza (Ricardo), Ruiz Angellus (Umberto), Luísa Ferrari (Diana) e Mari Teixeira (Lucia).

“Filumena Marturano fala da família e das contradições da

moral, das relações de classe e da condição da mulher. É uma mulher do povo diante de uma burguesia que foi inoperante durante a guerra. Existe ali, simbolicamente, uma união entre essas duas partes de uma Itália destruída pelo conflito, que precisa se reconstruir. A trama não fala diretamente da guerra ou da política, mas tudo isso está presente de maneira simbólica. E, ao mesmo tempo, é uma comédia que tem uma comunicação com o público, porque se ri muito, mas também existe um teor sentimental com todos os ingredientes que uma família tem”, ressalta Eduardo Tolentino de Araujo.

A encenação parte de uma proposta naturalista e situa a ação em uma sala burguesa tradicional, tendo como eixo uma grande mesa, onde se concentram os principais conflitos da obra. A passagem entre os três atos é feita por meio de escolhas cromáticas e cênicas. O primei-

ro, ambientado à noite, utiliza preto, branco e cinza; o segundo se passa pela manhã, com cores claras e estampas florais; e o terceiro ocorre ao entardecer, com tons pastel. O mobiliário e os adereços também se transformam ao longo da montagem.

Eduardo Tolentino de Araujo também relaciona a peça à trajetória pessoal de Eduardo De Filippo. “Filho ilegítimo, assim como Titina e Pepino, seus dois irmãos, Eduardo faz, por meio da peça, um acerto de contas com seu pai, o consagrado dramaturgo Eduardo Scarpetta, que nunca os filiou. Ele inverte o senso de que a arte imita a vida, mas a corrige e, com isso, resgata um protagonismo roubado da sua mãe por uma sociedade machista. Sua Filumena é uma leoa, que luta com unhas e dentes ou garras pela legitimidade dos filhos e, para isso, emprega todas as armas, nem sempre honestas. Afinal, se a sociedade não é justa, só resta combatê-la



com o princípio homeopático de usar o veneno contra o próprio veneno.”

A obra também foi adaptada para o cinema por Vittorio De Sica em *Matrimônio à Italiana* (*Matrimonio all'italiana*, 1964) e protagonizada por Sophia Loren e Marcello Mastroianni. No teatro, a atriz Joan Plowright interpretou a personagem principal em montagens realizadas em Londres, em 1977, e na Broadway, em 1980. Judi Dench também viveu Filumena no West End de Londres, em temporada realizada entre 1998 e 1999. No Brasil, a montagem do Teatro dos Quatro teve Yara Amaral como protagonista. Após a morte da atriz no naufrágio do *Bateau Mouche*, na passagem de 1988 para 1989, Nathalia Timberg assumiu o papel e deu continuidade ao projeto.

A história da peça estabelece uma relação direta com São Paulo pela presença italiana na formação cultural e social da cidade. A ambientação napolitana da obra, com suas relações familiares, costumes e modos de vida, se conecta com uma metrópole que recebeu sucessivas levas de imigrantes italianos a partir do final do século 19, especialmente em bairros como a Bela Vista, onde essa herança permanece presente. A montagem amplia esse diálogo com a chegada do TAPA pela primeira vez ao Teatro do Sesi-SP, no Centro Cultural FIESP, na Avenida Paulista, um dos principais espaços de arte e cultura da capital.

ENCONTRO DE GERAÇÕES

Em Filumena Marturano, Walter Breda @walterbredade e Maria do Carmo Soares são responsáveis por dar vida a dois seguidores fiéis dos protagonistas da história, defendendo-os em todas as circunstâncias, além de trazer boa parte da comichade para a trama. Ela vive Rosália, sempre ao lado da personagem-título.



Ele vive Alfredo, parceiro inseparável de Domênico Soriano. Os dois atores possuem carreiras prestigiadas nos palcos brasileiros.

Walter Breda soma mais de seis décadas de carreira no teatro e passou por montagens como *O Homem de La Mancha*, ao lado de Grande Otelo, Bibi Ferreira e Paulo Autran; *Ópera do Malandro*; *Cyrano de Bergerac*; *Monsieur Molière*; *Nostradamus* e *O País dos Elefantes*, apresentada no Festival de Avignon, na França. Também esteve no elenco de *Toda Nudez Será Castigada*, de Nelson Rodrigues, e *O Fantástico Reparador de Feridas*, de Brian Friel. A montagem de *Filumena Marturano* representa seu reencontro com a obra de Eduardo De Filippo: em 2000, Breda recebeu o Prêmio Shell de Teatro de Melhor Ator por sua atuação em *A Arte da Comédia*, do dramaturgo italiano. No Grupo TAPA, integrou ainda o elenco de *O Ensaio*, de Jean Anouilh.

Maria do Carmo Soares também construiu uma trajetória de décadas no teatro e está entre as fundadoras do Grupo de Teatro Mambembe. No Grupo TAPA, participou de *Amargo Siciliano*, de Luigi Pirandello, e *A Mandrágora*, de Nicolau Maquiavel. Sua trajetória inclui ainda montagens dirigidas por Gabriel Villela, como *Fausto*, *Replay* e *Guerra Santa*; por Roberto Lage, entre elas *Bésame Mucho* e *Madame de Sade*; e trabalhos com Carlos Alberto Soffredini, como *Dileitante*, *A Farsa de Inês Pereira* e *Venha Buscar-me Que Ainda Sou Teu*.

Os atores Sandra Corveloni e André Garolli pertencem à mesma geração de artistas que tomou contato com o Grupo TAPA a partir dos anos 1990. Os dois participaram do período do *Panorama do Teatro Brasileiro* e, desde então, voltaram a se encontrar em diferentes peças

como *Moço em Estado de Sítio*, de Oduvaldo Vianna Filho, e *Ivanov*, de Anton Tchekhov. Mais recentemente, estiveram à frente de *Credores*, de August Strindberg, um dos trabalhos de maior longevidade do repertório do grupo.

Sandra também atuou com Clara Carvalho em uma versão online de *A Mais Forte*, de August Strindberg, realizada em 2021, durante a pandemia, além de ter estado em cena em *Rasto Atrás*, de Jorge Andrade, e *A Serpente*, de Nelson Rodrigues. Como diretora, assinou *As Viúvas*, de Artur Azevedo, e, ao lado de Eduardo Tolentino, *Amargo Siciliano*, de Luigi Pirandello. Nos cinemas, recebeu o prêmio de Melhor Atriz no 61º Festival de Cannes, em 2008, por sua atuação no filme *Linha de Passe*, dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas.

Garolli se aproximou do TAPA depois de assistir *A Mandrágora*, de Nicolau Maquiavel, e se interessou pela linguagem da companhia. A convite de Eduardo Tolentino, estreou no grupo em *A Megera Domada*, de William Shakespeare, substituindo um ator que havia deixado a montagem. Posteriormente, participou de *Querô*, de Plínio Marcos; *O Noviço*, de Martins Pena; *A Casa de Orates*, de Artur Azevedo; *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues; *12 Homens e uma Sentença*, de Reginald Rose, entre outras produções.

Sandra Corveloni e André Garolli também voltam aos palcos do Teatro do Sesi-SP. Eles integraram o elenco do espetáculo *Tectônicas*, com texto de Samir Yazbek e direção de Marcelo Lazzaratto, que estreou em 2021.

A relação de Garolli e Tolentino com *Filumena Marturano* começou a se desenhar há cerca de oito anos. Na época, os dois viajaram juntos à Itália e foram a Udine para assistir a uma montagem dirigida por Luca De Filippo, filho de Eduardo De Filippo. A experiência despertou o interesse em levar a peça para o repertório do TAPA, projeto que agora chega ao palco.

SINOPSE

Inspirada em uma notícia de jornal sobre uma mulher que si-

mula estar em estado terminal para convencer o homem que ama a se casar com ela como seu último desejo, Eduardo De Filippo desenvolve a trama de sua peça mais popular, *Filumena Marturano* (1946). O pano se abre com a revelação do golpe da protagonista, e a história se desenrola, ao longo de uma hora e meia, entre surpresas e revelações sobre o passado dos personagens e suas consequências para o futuro. Depois de vinte e cinco anos de convivência extraoficial com Domênico, que a retirou de um bordel, Filumena guarda um segredo que vem à tona: ela teve três filhos e deseja o casamento para legitimar a paternidade. Mas há uma carta na manga: apenas um deles é filho de Domênico. Talvez sejam os três, mas esse é um trunfo que Filumena não entrega de bandeja. Entre a comédia e o drama sentimental, De Filippo resgata, por meio da ficção, o sobrenome que ele e seus dois irmãos, filhos ilegítimos, nunca tiveram. A arte corrige a vida, para deleite dos espectadores.

FICHA TÉCNICA Autor: Eduardo

De Filippo @eduardo_de_filippo. Tradução: Eduardo Tolentino de Araujo e Maurizio De Simone. Direção: Eduardo Tolentino de Araujo. Elenco: Sandra Corveloni (Filumena), André Garolli (Domênico), Walter Breda (Alfredo), Maria do Carmo Soares (Rosália), Ivan Nobrega (Michael), Felipe Souza (Ricardo), Ruiz Angellus (Umberto), Luísa Ferrari (Diana), Daniel Volpi (Nocella) e Mari Teixeira (Lucia). Assistente de direção: Brian Penido Ross. Direção de produção: Maurício Inafre. Idealização do projeto: Grupo TAPA. Licença de direitos autorais: Abramus – Associação Brasileira de Música e Artes.

SERVIÇO: Centro Cultural FIESP – Teatro do Sesi São Paulo | Av. Paulista, 1.313, Bela Vista – São Paulo/SP Temporada: 16 de outubro a 20 de dezembro | quinta a sábado, 20h; domingo, 19h / Ingressos: grátis / Reservas: sesisp.org.br/eventos/ / Classificação: 12 anos / Duração: 90 minutos

Adriana Balsanelli/Renato Fernandes

SEGUNDA TEMPORADA DO ESPETÁCULO “TRISTE! TRISTE... TRISTE?”, COM THALLES CABRAL, EM CARTAZ ATÉ 8 DE NOVEMBRO

Espectáculo dirigido e escrito por Nicolas Ahnert, inspirado no livro Triste não é ao certo a palavra, de Gabriel Abreu, volta em cartaz um ano após sua estreia, agora no Teatro Vivo, com Thalles Cabral no elenco

Espectáculo dirigido e escrito por Nicolas Ahnert, inspirado no livro Triste não é ao certo a palavra, de Gabriel Abreu, volta em cartaz um ano após sua estreia, agora no Teatro Vivo @teatro-vivosp, com Thalles Cabral @thalles no elenco

Após emocionar público e crítica em sua estreia, TRISTE! TRISTE... TRISTE? retorna aos palcos para uma temporada especial no Teatro Vivo. Um ano depois de sua primeira montagem, o espetáculo consolida sua trajetória como uma das obras de maior destaque da cena paulistana recente, tendo sido considerado “uma das principais obras do teatro paulistano de 2025” pelo Jornal Nota. A nova temporada fica em cartaz até 8 de novembro, com apresentações aos sábados, às 20h, e domingos, às 18h, em curta temporada.

Inspirado no livro Triste não é ao certo a palavra, de Gabriel Abreu, o solo escrito e dirigido por Nicolas Ahnert acompanha um jovem que descobre que sua mãe tem apenas um mês de vida. A partir desse luto anunciado, inicia uma investigação obsessiva sobre as memórias da mãe, numa tentativa desesperada de compreendê-la antes da despedida. É nessa tentativa de reconstruir a sua história que ele reencontra a si mesmo.

Expandindo o universo do romance, o espetáculo transforma essa experiência íntima em uma reflexão sobre identidade, pertencimento e as dificuldades de uma geração anestesiada para lidar com a perda, o afeto e a própria vulnerabilidade. O corpo ausente da mãe torna-se o ponto de partida para uma jornada de autoconhecimento, em que lembranças, cartas, fotografias e fragmentos de memória constroem um

mosaico emocional entre passado e presente.

Interpretado por Thalles Cabral, o protagonista oscila entre o humor, o cinismo e a fragilidade, revelando um personagem profundamente humano, incapaz de elaborar sua dor de forma linear. Ao longo da peça, o público acompanha não apenas uma história sobre o luto, mas também sobre a tentativa de reorganizar a própria existência quando a principal referência afetiva desaparece.

“Estou bem animado para viver essa história novamente. Esperamos que ela chegue a cada vez mais gente e se cada um sair do teatro repensando sobre a história dos seus pais, nós teremos atingido nosso objetivo”, comenta Thalles.

A montagem recebeu amplo reconhecimento da crítica especializada. A Folha de S.Paulo destacou o espetáculo como “um precioso equilíbrio entre a visão do diretor e a execução do ator”, enquanto o crítico José Cetra Filho escreveu: “Vale muito a pena assistir a essa performance de Thalles Cabral.”

Para Nicolas Ahnert, o retorno da peça representa também uma oportunidade de reencontrar o público sob uma nova perspectiva. “Um ano depois da estreia, percebo que o espetáculo continua dialogando profundamente com as pessoas. O luto é apenas o ponto de partida. O que me interessa é investigar como construímos nossa identidade a partir das nossas ausências, das nossas memórias e das pessoas que nos formam. É uma peça sobre perdas, mas, principalmente, sobre as verdades que são escancaradas quando nos deparamos com o vazio.”

TRISTE! TRISTE... TRISTE? reafirma sua potência ao transformar uma experi-



ência profundamente pessoal em uma reflexão universal sobre amor, memória e a difícil tarefa de seguir vivendo.

Serviço: TRISTE! TRISTE... TRIS-

TE? / Até 8 de novembro. / Dias: Sessões aos sábados, 20h e domingos, 18h / Teatro Vivo: Av. Dr. Churci Zaidan, 2460 - Vila Cordeiro, São Paulo Ingressos: <https://bileto.sympla.com.br/event/125069/d/405626/s/2651538>

**... Não para não!
Quinzena que vem
em mais Lacre.**

Leia!

**Se gostar,
mande
em frente...**

Com sua ajuda financeira, poderemos investir ainda mais na qualidade da nossa revista. Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix:
lacrezine@gmail.com.

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:
e-mail:
paginaleste@hotmail.com
lacrezine@gmail.com

DOMITILA: A PAIXÃO PROIBIDA DE DOM PEDRO I E A MARQUESA DE SANTOS EM ÓPERA DE CÂMARA NO THEATRO MUNICIPAL

Dias 30 de outubro e 1º de novembro na Sala Mário Tavares, no Rio de Janeiro, são chances únicas de ver



A Sala Mário Tavares, anexo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, recebe nos dias 30 de outubro e 1º de novembro a ópera de câmara “Domitila”, do consagrado compositor João Guilherme Ripper. Com direção cênica de Isabel Guéron @isabelgueron e a soprano Georgia Szpilman @georgiaszpilman no papel-título, o espetáculo promete uma imersão na história de amor proibido entre o Imperador Dom Pedro I e sua grande paixão, Domitila de Castro, a Marquesa de Santos.

Baseada nas cartas apaixonadas que o imperador escreveu à sua amante, a ópera reconstrói o último dia de Domitila na corte, quando ela é forçada a se despedir do amado. O relacionamento, que se estendeu entre 1822 e 1829, chegou ao fim por imposição da Casa dos Bragança, que exigiu que o jovem imperador viúvo desposasse uma princesa de estirpe real, D. Amélia de Leuchtenberg, em vez da mulher que amava.

Em cena, a cantora Georgia Szpilman interpreta uma Domitila de carne e osso, revisitando as memórias de um amor que começa com a paixão juvenil — o imperador assinava as cartas como “Demonão”

e “Fogo Foguinho” — e se desgasta diante das obrigações políticas, até que ele se torna apenas “o Imperador”. A direção de Isabel Guéron conduz a personagem em um limbo espaço-temporal, onde ela arruma as malas e, presa em suas próprias lembranças, revive angústias, alegrias e decepções, em uma atmosfera densa e carregada de emoção.

A história das cartas também é digna de uma ópera. O combinado entre os amantes era de que fossem queimadas assim que lidas. Dom Pedro I cumpriu o acordo, mas Domitila, como se pode dizer, guardou todas as 94 cartas de sua grande paixão. Elas ficaram perdidas por décadas até serem encontradas pelo historiador Paulo Rezzutti na Hispanic Society of America, em Nova York, e hoje estão no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, e no Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora.

A montagem, que tem direção musical de Maria Luisa Lundberg e conta com os instrumentistas Nayara Tamarozzi (violoncelo) e Moises Santos (clarinete), é uma oportunidade de ouro para o público carioca entrar em contato com um importante episódio da história brasileira, humanizando uma de suas figuras femininas mais marcantes do século XIX. A ópera, que possui aproximadamente 60 minutos de duração, foi agraciada com o Prêmio Circuito FUNARTE de Música Clássica 2010 e tem feito sucesso também em Portugal e na Espanha, onde a crítica a descreveu como um espetáculo de “tratamento dramático de muito sucesso”.

Para Georgia Szpilman, “Domitila é uma figura es-



sencial na história do nosso país e enxerga que a mulher hoje ainda não conquistou o papel que lhe cabe na sociedade machista. “Durante sete anos, ela viveu uma relação intensa com Dom Pedro I, teve vários filhos com ele e, após a morte de Dona Leopoldina, passou a residir com o imperador no Solar da Marquesa, local de onde ele despachava os rumos do Brasil. Mas o que mais me impacta nessa trajetória é como ela foi, no fim, descartada. E isso me faz olhar para os dias de hoje e ver que a realidade não mudou: nós, mulheres, continuamos sendo usadas e deixadas de lado quando não convém. Essa não é uma questão do século XIX. É uma questão atual, urgente, viva. É por isso que canto Domitila: para lembrar que a mulher —

amante ou não — sempre foi muito mais do que o papel que tentaram lhe dar”, destaca.

Cláudia Tisato

Serviço: Espetáculo: **Domitila (Ópera de Câmara)** / Compositor: João Guilherme Ripper / Elenco: Georgia Szpilman (soprano), Maria Luisa Lundberg (piano), Nayara Tamarozzi (violoncelo), Moises Santos (clarinete) / Direção Cênica: Isabel Guéron **Data e Horário: 30 de outubro, às 19h, e 1º de novembro, às 11h.** / Local: Sala Mário Tavares (anexo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro) / Endereço: Rua Almirante Barroso, 14/16, Centro / Ingressos: R\$ 50 (inteira) e R\$ 25 (meia), disponíveis na plataforma Feverup. Classificação Livre.

BACKSTAGE MIRANTE LEVA EXPERIÊNCIA DE HOSPITALIDADE AOS CONCERTOS DA FILARMÔNICA DE BERLIM E DESTINA TODO O FATURAMENTO AO TRATAMENTO DO CÂNCER INFANTOJUVENIL



Marca de hospitalidade premium do Grupo Mirante integra o maior concerto filantrópico do país, promovido pela TUCCA na Sala São Paulo, nos dias 18 e 19 de outubro

O Backstage Mirante [@backstage.mirante](#), hub de hospitalidade premium estará presente nos concertos da Filarmônica de Berlim (Berliner Philharmoniker), sob regência do maestro-titular Kirill Petrenko, nos dias 18 e 19 de outubro, na Sala São Paulo. Promovidas pela TUCCA – Associação para Crianças e Adolescentes com Câncer [@tuccaoficial](#), pela série Música pela Cura, as duas noites de gala formam o maior concerto filantrópico do Brasil.

Todo o faturamento da operação do Backstage Mirante no evento será revertido para a causa. O valor se soma à arrecadação destinada ao tratamento de crianças e adolescentes com câncer em situação de vulnerabilidade, atendidos pela TUCCA em parceria com o Santa Marcelina Saúde.

A experiência

Após os concertos, o Backstage Mirante recebe o público para um coquetel na Estação das Artes, espaço ao lado da Sala São Paulo. São duas horas de open bar e open food, com o padrão de atendimento dedicado que a marca leva aos

grandes eventos de música e esporte do país.

A proposta é prolongar uma noite histórica para a música brasileira em um ambiente reservado, com gastronomia de alto padrão e conforto do início ao fim. Desta vez, cada detalhe da experiência também se converte em recurso para a cura.

“Pra nós, é uma honra estar presente em uma ocasião tão nobre, em vários aspectos. O artístico, por ser uma referência mundial de música erudita, e a causa humana, de podermos reverter fundos a uma grande causa, que merece o suporte de todos” - Backstage Mirante.

Os concertos

A última passagem da Filarmônica de Berlim pelo Brasil foi em maio de 2000. Quase três décadas depois, a orquestra fundada em 1882 volta ao país e se apresenta pela primeira vez na Sala São Paulo, com dois programas distintos sob a regência de Kirill Petrenko, maestro-titular desde 2019.

- 18 de outubro: Brahms, Concerto para piano nº 1, com o pianista Daniil Trifonov como solista; e R. Strauss, Assim falou Zaratustra.

- 19 de outubro: Mendelssohn, Abertura As Hébridais; Elgar, Variações Enigma; e Tchaikovsky, Sinfonia nº 4.

Os concertos têm parceria da Fundação Osesp, que realiza ações educacionais por meio da Academia de Música da Osesp.

A causa

O acesso do público às duas noites acontece prioritariamente a partir de doações, sem uso de mecanismos de incentivo fiscal. A iniciativa marca o lançamento da campanha para criação de um fundo patrimonial dedicado à compra de medicamentos de alto custo, com meta de arrecadação de R\$ 10 milhões.

“Trazer a Filarmônica de Berlim ao Brasil com esse propósito é transformar excelência artística em impacto direto na vida das crianças que atendemos. Cada concerto representa acesso a tratamento completo, com tecnologia, equipe especializada e cuidado integral”, afirma o oncólogo pediátrico Dr. Sidnei Epelman, presidente da TUCCA.

Serviço: Filarmônica de Berlim & Kirill Petrenko — Música pela Cura / • Concertos: 18 de outubro, às 18h30, e 19 de outubro, às 20h
• Local: Sala São Paulo — Praça Júlio Prestes, 16, Luz, São Paulo
• Duração: cerca de 100 minutos
• Solista (18/10): Daniil Trifonov, piano
• Coquetel Backstage Mirante: 18 de outubro, após o concerto, na Estação das Artes (ao lado da Sala

São Paulo) — 2h de duração, open bar e open food • Vendas: [canal de vendas do Backstage Mirante]

• Renda: todo o lucro revertido ao tratamento do câncer infantojuvenil na TUCCA

Sobre o Backstage Mirante

O Backstage Mirante é o hub de hospitalidade premium do Grupo, responsável também pela revitalização do Jardim Nacional, no Conjunto Nacional. Presente de forma fixa no Nubank Parque, no MorumBIS e na Mercado Livre Arena Pacaembu, oferece experiência all inclusive, com open bar, gastronomia de alto padrão, acessos exclusivos e atendimento dedicado do pré ao after. A marca já levou seu conceito a eventos como The Town, Lollapalooza Brasil, Arena Brasileira e Rock in Rio, e é referência em hospitalidade no entretenimento ao vivo no Brasil.

Sobre a TUCCA

Fundada em 1998 pelo oncólogo pediátrico Sidnei Epelman e pela psicanalista Claudia Epelman (in memoriam), a TUCCA oferece tratamento gratuito, integral e multidisciplinar a crianças e adolescentes com câncer em situação de vulnerabilidade. Em parceria com o Santa Marcelina Saúde, já atendeu quase 6.000 pacientes, com índices de cura comparáveis aos de centros de referência no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. O projeto Música pela Cura foi criado em 2000 para garantir a sustentabilidade desse tratamento.

SÉRGIO PERERÊ E THIAGO BRAZ CANTAM AS DESCOBERTAS DA INFÂNCIA EM “FASE DE CRESCIMENTO”

Disco reúne 13 canções sobre descobertas, autonomia, afeto e imaginação; show de lançamento acontece no dia 8/11, no Palácio das Artes

Trocar os dentes, aprender a caminhar, descobrir o próprio encanto, fazer perguntas sem resposta e compreender que a vida está sempre em movimento. É a partir desse olhar sensível sobre a infância que Sérgio Pererê e Thiago Braz apresentam “Fase de Crescimento”, álbum infantil que será lançado em show especial no dia 8 de novembro, domingo, às 17h, no Grande Teatro Cemig Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Os ingressos custam a partir de R\$60,00 (inteira) e R\$30,00 (meia-entrada) e podem ser adquiridos pela Symppla.

Com 13 faixas inéditas, o disco percorre diferentes experiências do desenvolvimento infantil, abordando temas como autonomia, afeto, ancestralidade, liberdade, imaginação e cuidado. Unindo poesia, musicalidade brasileira e elementos da cultura popular, o trabalho dialoga com crianças e adultos, propondo uma escuta compartilhada sobre os processos de transformação que acompanham toda a vida.

Mais do que falar sobre crescer, o álbum convida o público a perceber o crescimento como um movimento contínuo, em que passado, presente e futuro convivem em permanente construção. “A gente queria falar sobre crescimento sem tratar a infância como uma etapa menor da vida. A criança vive questões profundas, faz perguntas importantes e percebe o mundo de uma forma muito própria”, afirma Sérgio Pererê. “As músicas nasceram observando situações muito concretas do cotidiano das crianças, mas também pensando em como esses processos continuam presentes na vida adulta”, completa Thiago Braz.

Gravado, mixado e masterizado por André Cabelo, no Estúdio Engenho, em Belo Horizonte, o álbum reúne composições dos dois artistas e conta com as participações de Acauã Rane (baixo, guitarras e cavaquinho), Fred Selva (sintetizadores e atmosferas sonoras), Pedro Pedrosa (violão), Thamiris Cunha (clarinete, clarone e voz)



e Wesley Moura (pandeiro). Vozes infantis também aparecem ao longo do repertório, aproximando ainda mais o trabalho do universo que ele retrata.

Um álbum para crescer junto

O projeto nasce do encontro entre dois artistas com trajetórias consolidadas na criação musical voltada para a infância. Sérgio Pererê, músico, compositor e educador, traz para o disco instrumentos de percussão de diferentes tradições e referências da música afro-brasileira, da cultura tradicional e da canção contemporânea. Thiago Braz, compositor, cantor e violonista, contribui com sua pesquisa em torno da canção infantil e da musicalidade brasileira.

A faixa-título sintetiza a proposta do trabalho. Em “Fase de crescimento”, Sérgio Pererê transforma experiências cotidianas da infância em reflexão poética, mostrando que crescer envolve tanto mudanças físicas quanto emocionais. “Quando a gente é criança, parece que tudo está mudando o tempo inteiro. O corpo muda, a voz muda, os sentimentos mudam. Mas, de certa forma, continuamos em fase de crescimento durante toda a vida”, observa Sérgio Pererê.

Ao longo do álbum, as canções abordam o desenvolvimento infantil sem caráter didático ou moralizante. Em vez disso, apostam na imaginação, na escuta e na sensibilidade como caminhos para compreender o mundo. Em parceria com o produtor cultural Elias Gibrán, Sérgio Pererê assi-

na também uma canção reflexiva que lança perguntas abertas sobre aquilo que dá sentido à vida. “Nos interessava mais abrir perguntas do que apresentar respostas. A infância tem essa potência de conviver com o mistério e com a curiosidade”, afirma Thiago Braz.

Canções como “Algum encanto” e “O que faz a vida” convidam o público a olhar para o mundo com sensibilidade e atenção, valorizando aquilo que muitas vezes passa despercebido no cotidiano. “Existe uma ideia muito presente no disco de que tudo tem valor, tudo tem beleza e tudo pode ensinar alguma coisa. É um exercício de encantamento”, sublinha Sérgio Pererê.

Entre o brincar e a reflexão

A brincadeira aparece como elemento estruturante de “Fase de Crescimento”. Em “Tilé e tcha tcha tcha”, a curiosidade infantil se transforma em jogo poético, enquanto “Tudo gira” e “Roda dos ventos” observam os movimentos da natureza para refletir sobre os ciclos da vida.

Já em “Vai e vem”, composta por Thiago Braz e Adê Melo em ritmo de samba de roda, cada conquista da infância encontra seu contraponto: o engatinhar e o caminhar, a fralda que vai e a autonomia que vem. “A música fala sobre autonomia, mas também sobre acolhimento. Tem um trecho que diz que está tudo bem não conseguir, está tudo bem tentar de novo. Acho importante que as crianças escutem isso”, comenta Thiago Braz.

O álbum acredita na inteligência emocional das crianças e na capacidade que elas têm de lidar com questões complexas quando estas são apresentadas com afeto, leveza e poesia.

Memória, afeto e ancestralidade

Entre os momentos mais emocionantes do repertório está “Sayonaraê,” composição de Thiago Braz inspirada na relação com seu pai, José Braz. A canção parte de uma melodia cantada na infância e transforma a memória familiar em um encontro entre gerações. “Essa música nasceu de uma melodia que meu pai cantava para mim quando eu era criança. É uma forma de agradecer e celebrar essa herança afetiva que atravessa gerações”, conta Thiago Braz.

Outra faixa marcante é “Passarinho”, criada originalmente por Sérgio Pererê para embalar os filhos. Com o tempo, a composição ganhou novos significados e passou a dialogar com temas como liberdade, autonomia e confiança. “Primeiro ela era uma canção de ninar. Com o tempo, fui percebendo que ela falava também sobre liberdade, sobre confiar que os filhos precisam descobrir seus próprios caminhos”, diz Sérgio Pererê.

A presença das crianças não está apenas nos temas do disco, mas também em sua construção sonora. Solos e coros infantis participam de diversas faixas, reforçando a dimensão coletiva e afetiva do projeto.

Cuidar de si, cuidar do mundo

O encerramento do álbum reúne duas das canções que melhor sintetizam sua mensagem central. Em “Mantra do cuidado”, a repetição dos versos transforma a música em um convite à convivência e à responsabilidade compartilhada. Já “Acalanto” oferece um momento de acolhimento e serenidade, celebrando os sonhos e a imaginação. “O cuidado é uma das palavras mais importantes deste trabalho. Cuidar de si, cuidar do outro e cuidar do ambiente onde a gente vive”, afirma Thiago Braz. “Se existe uma mensagem que atravessa

tudo o álbum, talvez seja essa: crescer não é apenas ficar maior. Crescer é aprender a conviver, compartilhar e reconhecer a beleza da vida”, conclui Sérgio Pererê.

Com ilustrações de Camilo Martins e design de Ronei Sampaio (Amí), “Fase de Crescimento” constrói um universo visual tão delicado quanto suas canções, ampliando a experiência poética do álbum para além da escuta.

Sobre Sérgio Pererê Cantor, compositor, percussionista, educador e pesquisador musical, é um dos nomes mais importantes

da música produzida em Minas Gerais, tendo mais de vinte álbuns lançados. Sua obra estabelece pontes entre ancestralidade africana, tradição oral, cultura tradicional e experimentação sonora, por meio de projetos voltados tanto para o público adulto quanto para crianças e famílias. @sergio_perere

Sobre Thiago Braz Compositor, cantor, violonista e educador, Thiago Braz construiu uma trajetória dedicada à canção brasileira e à criação artística para a infância. Seu trabalho combina pesquisa

musical, lirismo e um forte compromisso com a escuta sensível das experiências infantis. @thelambada.n3rd

SERVIÇO | Show de lançamento do álbum “Fase de crescimento”, de Sérgio Pererê e Thiago Braz Quando. 8 de novembro de 2026 (domingo), às 17h Onde. Grande Teatro Cemig Palácio das Artes (Av. Afonso Pena, 1537 - Centro) Quanto. Os ingressos custam a partir de R\$60,00 (inteira) e R\$30,00 (meia-entrada), e podem ser adquiridos pela Sympla /

NUBECO AMPLIA CIRCUITO DE ARTE URBANA EM CONTAGEM

Projeto da Move faz grafitação em becos do bairro Eldorado, colorindo 2.000m²

O bairro Eldorado, em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, volta a ganhar novas cores, formas e histórias com a edição 2026 do NuBeco, projeto da Move Cultura que transforma espaços públicos em galerias de arte a céu aberto por meio do grafite e do muralismo. O primeiro beco dessa temporada já foi finalizado. Localizado na rua dos Jatobás, entre os números 697 e 713, a viela tem como tema as etnias. Participaram da ação os artistas Maizena, Celo, Sagaz, Caos, Benet e Tot. Até o dia 1º de novembro, outros três becos, além da área das quadras esportivas na Praça da Glória, serão impactados pelo projeto, que tem o apoio do Ministério da Cultura e da Prefeitura de Contagem. Mais detalhes no perfil da Move Cultura: @movecultura.

“Nós estamos reafirmando a ocupação do espaço em volta da Praça da Glória, totalizando agora oito becos, que o pessoal poderá visitar, criando assim um circuito cultural. Esses trabalhos valorizam ainda mais o ambiente que já foi ressignificado desde o ano passado”, afirma o coordenador artístico do projeto, Alberto Tadeu (Tot).

Realizado pela Move Cultura desde 2012, o NuBeco já revitalizou 12 vielas de Contagem, além de praças e outros espaços públicos. A iniciativa busca ampliar o acesso à cultura, valorizar a produção artística e fortalecer a relação dos moradores com o território. Em 2025, o projeto alcançou uma nova dimensão ao entregar cerca de 1.600m² de murais no entorno da Praça da Glória, consolidando um circuito de arte urbana re-



conhecido pela imprensa e pelo poder público como um dos principais da região metropolitana da capital mineira.

Neste ano, o projeto amplia a proposta e incorpora diferentes manifestações culturais e perspectivas sobre sociedade, identidade e futuro. O primeiro espaço, que já foi finalizado, tem como tema “Etnias: Muitos Povos, Muitas Histórias”, abordando a diversidade étnica e cultural a partir de diferentes origens, identidades, tradições e formas de expressão. Os painéis foram desenvolvidos pelos artistas Maizena, Celo, Sagaz, Caos, Benet e Tot. O segundo beco, que já está com os trabalhos bastante adiantados, é dedicado à música. Com o tema “Música: Ritmos que Movem o Mundo”, os painéis abordam gêneros como rock, reggae, forró, samba, jazz, hip hop e música eletrônica. Michael Jackson e Péricles estão entre os astros imortalizados no beco.

A cultura popular brasileira será o eixo do terceiro espaço, que receberá intervenções de 5 a 16 de outubro. Em “Cultura Popular: Brasil de Muitas Cores”, festas, tradições, manifestações artísticas, personagens, símbolos e saberes de diferentes regiões do

país serão levados aos muros. O quarto beco ganhará as intervenções artísticas entre os dias 19 e 1º de novembro. Com o tema “Futuros Possíveis”, a criação coletiva propõe diferentes visões sobre os próximos caminhos das cidades e da sociedade, passando por temas como tecnologia, sustentabilidade, diversidade, criatividade, juventude e a construção de espaços urbanos mais humanos. No mesmo período, as quadras esportivas da Praça da Glória serão incorporadas ao Circuito NuBeco. A intervenção “Esporte, Movimento e Cidade” terá como referências o esporte, a juventude e a ocupação do espaço público, aproximando duas linguagens presentes no cotidiano do território: a arte e a prática esportiva.

A ampliação do circuito dá continuidade a uma experiência que, ao longo de mais de uma década, modificou a paisagem do Eldorado e criou novos usos para espaços antes pouco associados à produção cultural. Em 2025, a iniciativa reuniu 34 artistas e produziu 1.600m² de murais, transformando quatro becos no entorno da Praça da Glória. Em 2026, a proposta é avançar nessa ocupação artística, conectando novos pontos do bairro e

ampliando o percurso para além dos becos. Com aproximadamente 2.000m² de novas pinturas, o projeto fortalece a formação de um circuito permanente de arte urbana em Contagem, no qual muros, passagens e equipamentos passam a integrar uma mesma experiência cultural.

“Dentre os vários projetos da Move, o NuBeco é um daqueles pelos quais tenho um carinho especial, pois movimenta uma cadeia diferenciada de agentes. O projeto reúne uma quantidade expressiva de potencialidades, já que, ao mesmo tempo em que valoriza o grafite e o muralismo, envolve os moradores do entorno dos becos, que se tornam apoiadores da iniciativa diante do histórico de falta de conservação e manutenção desses espaços. Assim, locais antes evitados pela população passam a ser transformados em áreas de visitação, recebem ensaios fotográficos e se tornam objeto de estudo em escolas, desde o ensino fundamental até cursos de nível superior.”, diz Rafael Aquino, diretor executivo da Move Cultura.

Circuito NuBeco - Edição 2026

Beco 1 – “Etnias: Muitos Povos, Muitas Histórias”/ Situação: Concluído

Beco 2 – “Música: Ritmos que Movem o Mundo” Concluído

Beco 3 – “Cultura Popular: Brasil de Muitas Cores” Concluído

Beco 4 – “Futuros Possíveis” / Período: 19 a 30 de outubro / Local: rua dos Jatobás, entre os números 289 e 301, bairro Eldorado

Quadras da Praça da Glória - “Esporte, Movimento e Cidade”/ Período: 19 a 1º de novembro / Local: Praça da Glória

NÃO TENHO RELIGIÃO, GRAÇAS A DEUS

Embora tenham batizado todos os filhos apenas por um costume familiar, meus pais só tinham a religião católica para preencher ficha de emprego e demais documentos.

Não obstante tenha respeito por quem tem religião, devo ressaltar o seguinte: quando criança, veio um casal de pastores ingleses a uma igreja recém-aberta no meu bairro, chamada “Exército de Salvação”, e, exceto meus pais, todos nós, os filhos, fomos para esta igreja. Lá, de forma lúdica, num flanelógrafo, fixavam figuras bíblicas de papel e contavam histórias da carochinha: arca de Noé, costela de Adão e por aí vai.

Já com 12 anos (este faro fino pode ser chamado de livramento), notei que aquele casal veio da Inglaterra para nos amordaçar com religião, porque os países desenvolvidos sabem que esta forma de domínio é eficiente e mais barata que fazer guerra, embora a hipótese da guerra nunca tenha sido descartada em qualquer canto do mundo, haja vista Vietnã, Laos, Camboja, Iraque, Afeganistão, entre outros, mais refratários às religiões judaico-cristãs, além dos golpes de Estado e por aí vai.

Por isso que, apesar de não ter religião, se por hipótese fosse ter alguma, seria de matriz africana. No meu pouco entender, a exemplo de Candomblé e Umbanda, elas não possuem o conceito de um “ser perfeito”.

A exigência de perfeição moral absoluta nos moldes das tradições judaico-cristãs é o que faz expandir a hipocrisia, ou seja, o cara que prega no púlpito princípios de moral e bons costumes, é o mesmo que, não raro, é pego com orgias, corrupção e demais transgressões ou ilícitos até criminais. Esse dualismo do bem absoluto contra o mal absoluto faz gerar distorções emocionais e, por vezes, criar até monstros.

A cosmovisão africana me agrada mais e funciona de maneira diferente: os Orixás, Voduns ou Inkices não são santos imaculados. Eles são divindades que personificam as forças da natureza e os arquétipos humanos. Os Orixás erram,

sentem raiva, ciúme, vaidade, celebram e choram. Eles refletem a própria vida, em vez da perfeição, o que é uma falácia.

O objetivo do ser humano nessas religiões não é alcançar a “perfeição sem pecados”, mas sim o equilíbrio (Axé) e o cumprimento do seu destino pessoal (Ori). Ou seja, ser uma “boa pessoa” significa cultivar a solidariedade, o respeito aos mais velhos, a preservação da natureza e a harmonia com o grupo, e não a cobrança por uma conduta individual perfeitamente pura e livre de falhas humanas.

O erro não é visto como uma afronta eterna a Deus (pecado), mas sim como um desequilíbrio que pre-

cisa ser corrigido por meio de rituais, oferendas e mudança de comportamento.

Veja o que o fundamentalismo religioso fez com a escrota Eduarda Campopiano, jovem eleita como deputada por São Paulo? Ao pesquisar na internet gostei ainda mais do seu Ze, que é conhecido popularmente como o “advogado dos pobres” e protetor da (boemia) e dos marginalizados.”

Em tempo: Seu Zé está de olho na pinga dele porque sabe que eu não tenho religião, mas sabe que eu também sou filho de Deus e tenho sede.

Arnaldo Bispo, advogado aposentado é contador de causos e autor do livro “Sampamor (...) Confira em <https://lavraeditora.com.br/produto/sampamor-garimpeiro-de-causos-na-selva-da-cidade/>